

Menina dos Olhos de Ouro

Honoré de Balzac

I — FISIONOMIAS PARISIENSES

Espetáculo que reúne todos os assombros é, sem dúvida, o aspecto geral da população parisiense, gente horrível de ver-se, lívida, amarela, tanada. Pois não é Paris um vasto campo incessantemente revolvido pela tempestade dos interesses sob a qual turbilhona uma seara de homens que a morte ceifa mais frequentemente que alhures, e que renascem sempre do mesmo modo comprimidos, de rostos conturbados, fisionomias retorcidas, a extravasarem por todos os poros o espírito, os desejos, os venenos que lhe encham os cérebros? Mas, não; não são rostos; são antes máscaras — máscaras de fraqueza, máscaras de força, máscaras de misérias, máscaras de alegria, máscaras de hipocrisia; todas extenuadas, marcadas todas pelos sinais indeléveis de uma ofegante avidez. Que quer essa gente? Dinheiro ou prazer?

Algumas observações sobre a alma de Paris poderão explicar as causas de sua fisionomia cadavérica, que só tem duas idades: a juventude ou a senilidade; juventude desbotada e sem cor; senilidade dissimulada que quer parecer jovem.

Ao ver esse povo exumado, os estrangeiros, não habituados a refletir,

experimentam à primeira vista um movimento de repugnância pela capital, vasto laboratório de gozos, do qual eles próprios não conseguirão em breve sair, nele permanecendo prazenteiramente a se deformar. Poucas palavras serão suficientes para justificar fisiologicamente a cor de tez quase infernal das criaturas parisienses, pois não seria apenas por brincadeira que Paris foi chamada de um inferno. Considere-se verdadeira a palavra. Ali tudo queima, tudo é fumaça, tudo brilha, tudo ferve, tudo arde, se evapora, se extingue, se reacende, faísca, cintila e se consome. Jamais a vida em qualquer outro lugar foi mais ardente ou mais abrasadora. Essa natureza social, sempre em fusão, parece dizer ao cabo de cada obra: “Vamos a outra!” tal como o faz a própria natureza. Como a natureza, essa natureza social ocupa-se com insetos, flores de um dia, bagatelas, coisas efêmeras, e lança também fogo e cinzas por sua cratera eterna.

Antes de analisar as causas que dão uma fisionomia especial a cada tribo dessa nação inteligente e móvel, talvez se deva assinalar a causa geral que descolore, empalidece, torna azulados e pardos seus indivíduos, ora mais, ora menos.

À força de se interessar por tudo, o parisiense acaba não se interessando por nada. Não dominando sentimento algum em sua face gasta pelo atrito, ela torna-se acinzentada como as fachadas dos prédios que receberam toda espécie de poeiras e fuligens. Com efeito, indiferente, na véspera, àquilo que o vai apaixonar no dia seguinte, o parisiense, seja qual for sua idade, vive como uma criança. Queixa-se de tudo; consola-se com tudo; ri-se de tudo; esquece tudo; quer tudo; gosta de tudo; empenha-se em tudo com paixão; abandona tudo com indiferença: seus reis, suas conquistas, suas glórias, seu ídolo, quer seja de bronze, quer de vidro, tal como esbanja as meias, os chapéus e a fortuna.

Em Paris, sentimento algum resiste ao fluxo dos acontecimentos, cuja corrente obriga a uma luta que desarma as paixões; o amor é nela um

desejo e o ódio uma veleidade; não há nela parente mais verdadeiro que uma nota de mil francos nem melhor amigo que a casa de penhores. Essa indiferença geral produz seus frutos; e nos salões, como nas ruas, ninguém está de mais, ninguém é absolutamente útil nem absolutamente prejudicial, mesmo os tolos e os tratantes, e as pessoas de espírito ou as criaturas honestas. Tudo ali se tolera: o governo e a guilhotina, a religião e a cólera. Em tal sociedade todos cabem sempre e ninguém jamais faz falta. Quem então domina nessas paragens sem costumes, sem crenças, sem sentimento algum, mas de onde partem e aonde vão ter todos os sentimentos, todas as crenças e todos os costumes? O prazer e o ouro.

Tomem-se estas duas palavras como uma lanterna e percorra-se essa grande jaula de estuque, essa colmeia de valetas negras, e siga-se o serpentear do pensamento que a agita, que a conduz, que a trabalha. Que se vê? Examinemos em primeiro lugar o mundo dos que nada têm:

O trabalhador, o proletário, o homem que move os pés, as mãos, a língua, o dorso, o braço único, os cinco dedos para viver; pois bem! Esse, que deveria ser o primeiro a economizar o princípio vital, ultrapassa as próprias forças, atrela a mulher a uma máquina qualquer, pega do filho e o amarra a uma engrenagem. Quanto ao artífice — esse não sei que fio secundário cujo movimento agita o povo que com as mãos sujas modela e doura as porcelanas, cose as casacas e os vestidos, afila o ferro, desbasta a madeira, cinzela o aço, fia o cânhamo e o linho, lustra os bronzes, recorta o cristal, imita as flores, borda a lã, adestra os cavalos, trança os arreios e os galões, retalha o cobre, pinta as carruagens, torneia os velhos olmos, torna vaporoso o algodão, sopra o vidro, lapida o diamante, funde os metais, corta o mármore em folhas, dá polimento às pedras, enfeita o pensamento, colore, embranquece ou enegrece tudo —, esse contramestre veio prometer a esse mundo de suor e de vontade, de estudo e de paciência, um salário desmedido, já em nome dos caprichos da cidade, já a mando do monstro chamado Especulação. Então, esses

quadrúmanos puseram-se a velar, a sofrer, a trabalhar, a praguejar, a jejuar e a andar; excederam-se todos para ganhar o ouro que os fascina.

E, descuidados do futuro, ávidos de prazeres, contando com os braços como os pintores com suas palhetas, atiram, grandes senhores de um dia, seu dinheiro às segundas-feiras nas tabernas, que cercam a cidade de um cinto de lama, cinto da mais impudica das Vênus, incessantemente afivelado e desafivelado, onde se perde, como no jogo, a fortuna periódica dessa gente tão feroz no prazer como resignada no trabalho. Durante cinco dias, não há assim repouso para essa parte ativa de Paris. Entrega-se a movimentos que a fazem torcer-se, inchar, emagrecer, empalidecer, borbulhar em mil jatos de vontade criadora. Depois, seu prazer, seu repouso é uma fatigante devassidão de pele trigueira, negra de bofetadas, macilenta de embriaguez ou amarela de indigestão, devassidão que não dura mais de dois dias, mas que rouba o pão do futuro, a sopa da semana, os vestidos da mulher, os cueiros dos filhos esfarrapados.

Esses homens, nascidos, sem dúvida, para serem belos, pois que toda criatura tem sua beleza relativa, arregimentaram-se desde a infância sob o comando da força, sob o império do martelo, das tesouras ou da fiação, e prontamente se *vulcanizaram*... Vulcano, com a sua deformidade e a sua força, não é acaso o símbolo desta nação disforme e forte, sublime de inteligência mecânica, paciente todo o tempo, terrível um dia por século, inflamável como a pólvora e preparada para o incêndio revolucionário pelo álcool, bastante espiritual enfim para prender fogo a um mote capcioso que para ela significa sempre: ouro e prazer?!

Computando-se todos os que estendem a mão à esmola, ao salário justo ou aos cinco francos concedidos a toda espécie de prostituição parisiense, enfim, a todo dinheiro bem ou mal ganho, totaliza essa gente trezentos mil indivíduos. Sem as tabernas, o governo não seria derrubado todas as terças-feiras? Felizmente, na terça, essa gente toda se acha entorpecida, coze o seu prazer, não tem mais vintém e retorna ao trabalho, ao pão seco,

estimulada por uma necessidade material de procriação que para ela se tornou hábito. Tem esse povo, entretanto, seus fenômenos de virtude, seus homens completos, seus Napoleões desconhecidos, que são os protótipos de sua força elevada à expressão mais alta e resumem o alcance social de uma existência em que o pensamento e a ação se combinam menos para nela injetar alegria que para regularizar a ação da dor.

Se o acaso tornou econômico um operário, se o acaso o presenteou com uma ideia, se pôde lançar olhos ao futuro, se encontrou uma mulher e viu-se pai, depois de anos de duras privações abre um pequeno armazém, estabelece uma loja. E se nem a doença nem o vício o fazem parar no caminho, se pôde prosperar, eis completo o quadro dessa vida normal.

Mas, antes de tudo, saudemos esse rei do movimento parisiense, que submeteu a si o tempo e o espaço. Sim, saudemos essa criatura composta de azougue e de gás, que dá filhos à França durante suas noites laboriosas e multiplica durante o dia a sua pessoa para o serviço, a glória e o prazer dos seus concidadãos. Tal homem resolveu o problema de satisfazer, ao mesmo tempo, a uma mulher amável, ao lar, a *Le Constitutionnel*, à repartição, à Guarda Nacional, à Ópera e a Deus; mas para transformar em escudos *Le Constitutionnel*, a repartição, a Ópera, a Guarda Nacional, a mulher e a Deus.

Saudemos, enfim, o irrepreensível acumulador.

Levantando-se diariamente às cinco horas, percorre como um pássaro a distância que separa sua residência da Rue Montmartre. Quer chova ou vente, neve ou troveje, chega a *Le Constitutionnel* e espera o maço de jornais cuja distribuição empreitou. Recebe esse pão político com avidez, agarra-o e o carrega. Às nove se encontra à soleira de sua porta, atira um trocadilho à mulher, rouba-lhe um grande beijo, saboreia uma taça de café ou ralha com os filhos. Às dez menos um quarto aparece na *mairie*.

Lá, instalado numa cadeira, como um papagaio num poleiro, aquecido pela cidade de Paris, inscreve até as quatro, sem lhes conceder

uma lágrima ou um sorriso, os óbitos e os nascimentos de toda uma zona. A felicidade e a desgraça do distrito passam pelo bico da sua pena, como o espírito de *Le Constitutionnel* viajava, há pouco, sobre seus ombros. Nada lhe pesa. Anda sempre em linha reta, para a frente, toma o seu patriotismo já formulado pelo jornal, não contradiz ninguém, grita ou aplaude como todo o mundo, e vive como as andorinhas. A dois passos da sua paróquia, pode, no caso de uma cerimônia importante, deixar o lugar entregue a um extranumerário e ir cantar um réquiem no coro da igreja, de que é, aos domingos e dias santos, o mais belo ornamento, a voz mais imponente, ou onde abre com energia a grande boca para trovejar um alegre *Amém*. É, então, cantor. Livre às quatro horas do serviço oficial, aparece para espalhar alegria e bom humor na mais célebre das lojas da Cité. Feliz da sua mulher, pois que ele não tem tempo para ser ciumento; é mais homem de ação que de sentimento. Por isso, desde que chega, começa a provocar as pequenas do balcão, cujos olhos vivos atraem numerosos fregueses. Recreia-se entre os adereços, as mantilhas, a musselina trabalhada por aquelas mãos hábeis; ou, mais seguidamente, antes de jantar, atende a uma freguesa, escritura uma página de diário ou leva ao oficial do registro uma letra vencida. Às seis, de dois em dois dias, está fielmente em seu posto. Irremovível barítono dos coros, encontra-se na Ópera, pronto a fazer-se soldado, árabe, prisioneiro, selvagem, campônio, sombra, pata de camelo, leão, diabo, gênio, escravo, eunuco negro ou branco, sempre capaz de provocar alegria ou dor, piedade ou espanto, de soltar invariáveis gritos ou de se calar, sempre pronto a caçar ou a duelar, a representar Roma ou o Egito, mas, sempre, *in petto*, _ _ armarinheiro. À meia-noite volta a ser bom marido, humano, pai amoroso, desliza no leito conjugal com a imaginação ainda repleta das formas sedutoras das ninfas da Ópera, e faz assim reverter, em proveito do amor conjugal, as depravações da sociedade e as voluptuosas curvas das pernas da Taglioni.

Se dorme, enfim, dorme rapidamente, e gasta o sono como gasta a

vida. Não é ele o movimento feito homem, o espaço em pessoa, o proteu da civilização? Esse homem resume tudo: história, literatura, política, administração, religião, arte militar. Não é uma enciclopédia viva, um atlas grotesco, incessantemente em marcha, como Paris, e que jamais repousa? Nele tudo são pernas. Fisionomia alguma poderia conservar-se pura em tais trabalhos. O operário que morre velho aos trinta anos, com o estômago curtido pelas doses progressivas do álcool, talvez seja, no dizer de certos filósofos bem instalados, mais feliz do que é o armarinheiro. Um morre de uma vez só e o outro no varejo. De seus oito ofícios, de suas espáduas, de sua garganta, de suas mãos, de sua mulher e de seu comércio este retira, como de outras tantas granjas, filhos, alguns milhares de francos e a mais trabalhosa felicidade que já tenha alegrado o coração de homem. Tal fortuna e tais filhos, ou só os filhos, que resumem tudo para ele, são encaminhados para uma posição superior; a ela conduz seus escudos e sua filha, ou seu filho educado no colégio, o qual, mais instruído que o pai, lança mais longe suas vistas ambiciosas. E quantas vezes o benjamim de um modesto retalhista quer ser alguém no Estado.

Essa ambição leva a considerar a segunda camada parisiense. Subi, pois, um andar e cheguei ao sótão ou descei do sótão e permaneci no quarto piso. Penetrai, enfim, na sociedade que possui algo: lá, o resultado é o mesmo. Os atacadistas e os seus rapazes, os empregados, o pessoal dos pequenos bancos e da grande probidade, os velhacos, as almas danadas, os primeiros e os últimos caixeiros, os auxiliares dos oficiais de justiça, dos tabeliões, dos advogados, os membros agentes, pensantes, especulantes dessa pequena burguesia que cuida dos negócios de Paris e vigia os seus interesses, monopoliza os gêneros, armazena os produtos fabricados pelos proletários, acondiciona as frutas do sul, os peixes do oceano e os vinhos das costas amadas pelo sol; que estende as mãos para o Oriente e traz os xales desprezados pelos turcos e pelos russos, que vai buscar as colheitas até mesmo à Índia e deita-se para esperar a venda, que

suspira depois pelos lucros, desconta as letras, arrola e encaixa todos os valores; que encaixota amiúde Paris inteira, transporta-a, observa as fantasias da infância, espreita os caprichos e os vícios da idade madura e explora-lhe as moléstias; pois bem, sem beber álcool como o operário, sem ir chafurdar na lama das barreiras, todos excedem também as próprias forças; distendem além da medida o físico e o moral, um pelo outro, ralam-se de desejos, atiram-se a corridas desenfreadas. Neles a distorção física se verifica sob o acicate dos interesses, sob o estímulo das ambições que atormentam as classes elevadas dessa monstruosa cidade, tal como a dos proletários se verifica sob a cruel maromba das elaborações materiais incessantemente solicitadas pelo despotismo do *eu quero* aristocrático.

Lá, também, para obedecer a esse senhor universal, o prazer ou o ouro, é preciso devorar o tempo, apressar o tempo, arranjar mais de vinte e quatro horas no dia e na noite, enervar-se, matar-se, vender trinta anos de velhice por dois anos de repouso doentio. Apenas o operário morre no hospital ao se operar o último termo do seu definhamento, enquanto o pequeno-burguês persiste em viver e vive, mas cretinizado; encontrá-lo-eis com a face gasta, aplastada, velha, sem brilho nos olhos, sem firmeza nas pernas, arrastando-se com ar idiota pelos bulevares, o cinto de sua Vênus, de sua querida cidade.

Que deseja o burguês? O sabre da Guarda Nacional, um cozido invariável, um lugar decente no Père-Lachaise, e, para a velhice, um pouco de ouro, legitimamente ganho. A segunda-feira dele é o domingo. Seu repouso é o passeio ao campo, num carro de aluguel, passeio durante o qual a mulher e os filhos engolem alegremente a poeira ou se assam ao sol; sua barreira é o restaurante, cujo venenoso jantar possui renome, ou algum baile familiar onde se sufoca até meia-noite.

Certos tolos admiram-se da dança de Saint Guido, de que parecem atacadas as mônadas que o microscópio permite divisar-se numa gota

d'água; mas que diria o Gargântua de Rabelais, figura de sublime audácia incompreendida, que diria esse gigante caído das esferas celestes, se se divertisse a contemplar o movimento dessa segunda esfera da vida parisiense? Eis uma das suas fórmulas: quem não viu ainda uma dessas barraquinhas, frias no verão, sem outro aquecimento no inverno que o de um fogareiro de brasas, colocadas sob a vasta calota metálica que cobre o mercado do trigo? Madame lá está desde manhã cedo, pois é comissária da feira e ganha nesse ofício, ao que dizem, doze mil francos por ano. O marido, quando madame se levanta, passa para um escuro gabinete, onde faz empréstimos usurários aos comerciantes do bairro. Às nove horas, encontra-se na seção dos passaportes, de que é um dos subchefes. À noite, está na caixa do Théâtre des Italiens ou de qualquer um dos outros. Os filhos são entregues a uma ama e só voltam para serem enviados à escola ou a um internato. O casal reside num terceiro andar, tem apenas uma cozinheira, dá bailes numa sala de doze pés por oito, iluminada por lampiões de querosene; mas tem cento e cinquenta mil francos para o dote da filha e se retira dos negócios aos cinquenta anos, idade na qual começa a aparecer nos camarotes de terceira da Ópera, num carro de aluguel em Longchamp, ou com roupas desbotadas, todos os dias de sol, nos “bulevares”, que são a latada de tais frutos. Estimados na região, prezados pelo governo, aliados à alta burguesia, o marido obtém aos sessenta e cinco anos a cruz da Legião de Honra, e o pai do seu genro, *maire* de um distrito, convida-o para os seus saraus.

Tais trabalhos de uma vida inteira aproveitam, assim, aos filhos que essa pequena burguesia tende fatalmente a elevar para a alta. Cada esfera atira assim sua prole à esfera superior. O filho do rico vendeiro faz-se tabelião, o filho do lenheiro torna-se magistrado. Não falta um único dente para se engranar na ranhura e tudo estimula o movimento ascensional do dinheiro.

Desse modo chegamos ao terceiro círculo desse inferno que,

possivelmente, terá um dia o seu Dante. Nesse terceiro círculo social, espécie de ventre parisiense, onde se digerem os interesses da cidade e onde eles se condensam sob a forma chamada *negócios*, move-se e agita-se, por um movimento intestinal ácido e bilioso, a multidão dos procuradores, médicos, tabeliões, advogados, homens de negócios, banqueiros, grandes comerciantes, especuladores e magistrados. Ali se encontram ainda mais causas para a destruição física e moral do que em qualquer outra parte. Quase toda essa gente vive em infectos escritórios, empestadas salas de audiências, em pequenos gabinetes gradeados, passa o dia curvada sob o peso dos negócios, encontra-se de pé desde a madrugada para estar atenta, para não deixar-se roubar, para tudo ganhar e nada perder, para apoderar-se de um homem ou do seu dinheiro, para combinar ou desmanchar um negócio, para tirar partido de uma circunstância de momento, para fazer enforcar ou absolver um homem.

Reagem sobre os cavalos e os reventam; cansam-nos, envelhecem-lhes, também a eles, as pernas antes do tempo. O tempo é o seu tirano; falta-lhes e lhes foge; não o podem aumentar nem diminuir. Que alma pode conservar-se grande, pura, moral e generosa, e, conseqüentemente, que rosto permanecerá belo no degradante exercício de uma profissão que força a suportar o peso das misérias públicas, a analisá-las, pesá-las, avaliá-las e explorá-las?

Onde coloca essa gente o coração?... Não sei; mas deixa-o em algum lugar, quando o tem, antes de descer todas as manhãs ao fundo das angústias que torturam as famílias. Para essas criaturas não há mistérios; veem o avesso da sociedade de que são os confessores, e a desprezam. Seja o que for que façam, à força de se medirem com a corrupção, ou têm dela horror e se entristecem, ou, por cansaço, por transação secreta, nela caem: necessariamente, enfim, embotam-se para todos os sentimentos esses homens que as leis, os homens, as instituições fazem voar como corvos sobre os cadáveres ainda quentes.

A todo momento o homem de dinheiro pesa os vivos, o homem dos contratos pesa os mortos, o homem da lei pesa a consciência. Obrigados a falar sem cessar, trocam todos o pensamento pela palavra, o sentimento pela frase, e suas almas transformam-se em laringe. Gastam-se e se desmoralizam. Nem o grande comerciante nem o juiz nem o advogado conservam reto o juízo: não sentem mais; aplicam as regras que adulteram as espécies. Levados por sua existência tormentosa, não são nem esposos nem pais nem amantes; deslizam sobre as coisas da vida e vivem cada instante impelidos pelos negócios da grande cidade.

Ao voltarem à casa, são compelidos a ir ao baile, à Ópera, às festas onde vão fazer clientes, travar relações, procurar protetores. Comem todos desmedidamente, jogam, velam, e seus rostos se arredondam, se embrutecem, se avermelham. A tão terríveis gastos de forças intelectuais, a tantas contrações morais opõem não o prazer, que é demasiado fraco para contraste, mas a devassidão, devassidão secreta, espantosa, pois podem dispor de tudo e formulam a moral da sociedade. Sua estupidez real esconde-se sob uma ciência especial. Conhecem seus ofícios, mas ignoram tudo o que não lhes diz respeito. Então, para salvar o amor-próprio, questionam sobre tudo, criticam a torto e a direito; fingem-se duvidadores quando na realidade são papalvos, e desperdiçam o espírito em intermináveis discussões.

Quase todos adotam, comodamente, os preconceitos sociais, literários ou políticos para se dispensarem de ter opinião, tal como põem suas consciências ao abrigo do Código ou do Tribunal de Comércio. Começando cedo para se tornarem homens notáveis, permanecem medíocres e se arrastam pelos cimos sociais. Desse modo, suas fisionomias apresentam essa palidez áspera, essas falsas cores, esses olhos embaciados por olheiras, essas bocas tagarelas e sensuais em que o observador descobre os sintomas do abastardamento do pensar e sua rotação no círculo duma especialidade que mata as faculdades criadoras

do cérebro, o dom de encarar as coisas com grandeza, de generalizar e de destruir.

Encarquilham-se quase todos na fornalha dos negócios. Ora, necessariamente, o homem que se deixa prender nos dentes ou nas engrenagens dessas imensas máquinas nunca poderá tornar-se grande. Se é médico, pouco praticará a medicina, ou será uma exceção, um Bichat, a morrer jovem. Se, grande comerciante, mantiver-se à tona, é quase um Jacques Cœur. Robespierre não exerceu a profissão; Danton foi um preguiçoso em expectativa. Mas quem, aliás, já invejou as figuras de Danton e Robespierre, por soberbas que tenham sido? Esses azafamados por excelência atraem a si o dinheiro e o entesouram para se aliarem às famílias aristocráticas. Se a ambição do operário é a mesma do pequeno-burguês, nesse caso são ainda iguais as paixões. Em Paris a vaidade resume todas as ambições. O protótipo dessa classe será ou o burguês ambicioso que, depois de uma vida de angústias e de contínuas manobras, passa para o Conselho de Estado como uma formiga por uma fenda; ou qualquer redator de jornal, mestre em intrigas, que o rei faz par de França, talvez para se vingar da nobreza; ou um tabelião, que se tornou *maire* do seu distrito; mas sempre homens moldados pelos negócios e que, se atingem o fim, a ele chegam *mortos*. É uso na França entronizar os medalhões. Napoleão, Luís XIV e os grandes reis sempre quiseram jovens para realizar os seus desígnios.

Acima dessa esfera vive o mundo artístico. Mas ali, também, as fisionomias marcadas pelo cunho da originalidade são nobremente alquebradas, mas sempre alquebradas, gastas e desfeitas. Esgotados pela necessidade de produzir, fatigados pelas suas árduas fantasias, cansados por um gênio devorador, esfomeados de prazeres, os artistas de Paris querem reparar com penosos trabalhos as lacunas deixadas pela preguiça, e visam em vão conciliar a sociedade e a glória, o dinheiro e a arte. No começo o artista vive incessantemente a ofegar sob o acicate dos credores;

suas necessidades geram as dívidas e as dívidas exigem-lhe as noites. Depois do trabalho vem o prazer. O comediante representa até meia-noite, estuda pela manhã, ensaia ao meio-dia; o escultor dobra-se sob o peso de sua estátua; o jornalista é um pensamento em marcha como um soldado na guerra; o pintor em voga vê-se sobrecarregado de trabalho, enquanto o pintor sem ocupação passa fome se se julgar genial. A concorrência, as rivalidades e as calúnias assassinam os talentos. Uns, desesperados, rolam no abismo dos vícios, outros morrem jovens e ignorados por haverem sacado muito cedo sobre o futuro. Poucas dessas figuras, originariamente sublimes, continuam belas. De resto, a beleza flamejante de suas cabeças permanece incompreendida. Uma fisionomia de artista é sempre exorbitante, encontra-se sempre aquém ou além das linhas convencionais daquilo que os imbecis denominam de belo ideal. Que poder os destrói? A paixão. Toda paixão em Paris resume-se em dois termos: ouro e prazer.

Agora, respiremos. Não sentis o ar e o espaço purificados? Aqui não há trabalhos nem penas. A turbilhonante voluta do ouro atingiu as alturas. Do fundo dos respiradouros onde começam as suas torrentes, do fundo das lojas onde a detêm mesquinhas enscadeiras de dentro dos balcões ou dos grandes laboratórios onde se deixa fundir em barras, o ouro, sob a forma de dotes ou de sucessões, trazido por mãos de jovens noivas ou por mãos ossudas de velhos, flui para a gente aristocrática em cujas mãos vai reluzir, ostentar-se, jorrar.

Mas, antes de abandonarmos os quatro terrenos sobre os quais assenta a alta propriedade parisiense, não será necessário deduzir-se, depois das causas morais já apontadas, as causas físicas, mostrar uma peste por assim dizer subjacente, que age sem cessar sobre as fisionomias do porteiro, do lojista, do operário; assinalar uma influência deletéria cuja corrupção iguala à dos administradores parisienses que a deixam complacentemente subsistir? O ar das casas em que vive a maior parte dos

burgueses é infecto, a atmosfera das ruas cospe miasmas cruéis nas peças interiores das lojas onde o ar se rarefaz; mas, além dessa pestilência, os quarenta mil prédios dessa grande cidade mergulham seus alicerces em imundícies que o poder público não quis ainda seriamente cercar de muralhas que impeçam a lama mais fétida de filtrar-se através do solo, de envenenar os poços e de fazer perdurar subterraneamente em Lutécia seu nome célebre. Metade de Paris jaz entre exalações pútridas dos pátios, das ruas e dos esgotos.

Mas vejamos os grandes salões arejados e dourados, os palacetes com jardins, a sociedade rica, ociosa, feliz, bem-dotada. Os rostos ali estão estiolados e corroídos pela vaidade. Nada de real, ali. Procurar o prazer não é acaso deparar com o aborrecimento? As pessoas da alta sociedade desde cedo falseiam a própria natureza. Ocupadas apenas em fabricar alegria, abusam desde logo dos sentidos, como o operário abusa do álcool. O prazer é como certas substâncias medicinais: para se obter constantemente os mesmos efeitos é indispensável duplicar-lhes as doses, estando a morte ou o embrutecimento contido na última delas. Todas as classes inferiores acoram-se diante dos ricos e lhes espreitam os gostos para deles fazerem vícios e os explorarem. Como resistir às hábeis seduções que se tramam neste país? Assim, Paris possui os seus *teriakis*, para quem o jogo, a gastrolatria ou as cortesãs representam um ópio. Assim, cedo descobrem-se nessas criaturas gostos e não paixões, fantasias romanescas e amores glaciais. Reina entre elas a impotência; não têm mais ideias; passaram como a energia nas simulações dos toucadores, nas momices femininas. Há ali fedelhos de quarenta anos e velhos doutores de dezesseis.

Os ricos encontram em Paris espírito já pronto, ciência já mastigada, opiniões já formuladas, que os dispensam de ter espírito, ciência e opinião. Em tal sociedade o despropósito é igual à fraqueza e à libertinagem. É-se ali avaro do tempo à força de o dissipar. E não se

procure nela mais afeições do que ideias. Os abraços disfarçam uma profunda indiferença e a polidez um desprezo invariável. Ali não se ama jamais a outrem. Ditos sem profundidade, muita indiscrição, mexericos, e ainda por cima lugares-comuns, tal é o fundo das suas conversas; mas esses infelizes *felizes* pretendem que não se congregam para dizer e forjar máximas à La Rochefoucauld; como se não existisse um meio-termo, achado pelo século XVIII, entre o excessivamente cheio e o vazio absoluto. Se alguns homens capazes fazem uso de uma graça leve e fina, esta não é compreendida; fatigados em breve de dar sem receber, calam-se e deixam os tolos senhores do terreno que lhes deveria pertencer.

Essa vida oca, essa contínua espera de um prazer que nunca chega, esse tédio permanente, essa inanidade de espírito, de coração e de cérebro, essa lassidão das altas-rodas parisienses reproduzem-se nos traços de seus componentes e dão lugar a essas máscaras de papelão, a essas rugas prematuras, a essas fisionomias de ricos em que se patenteia a impotência, em que se reflete o ouro e de onde fugiu a inteligência.

Esse aspecto da Paris moral prova que a Paris física não poderia ser diferente do que é. Essa cidade coroada é uma rainha que, sempre grávida, tem desejos irresistivelmente furiosos. Paris é a cabeça do globo, um cérebro que estala de gênio e dirige a civilização humana, um grande homem, um artista incessantemente criador, um político clarividente, que deve ter, necessariamente, as rugas do cérebro, os vícios do grande homem, as fantasias do artista e as corrupções do político. Na sua fisionomia transparece a germinação do bem e do mal, o combate e a vitória, a batalha moral de 89 cujas trombetas ressoam ainda por todos os recantos do mundo, e, também, o desalento de 1814. Essa cidade não pode pois ser mais moral nem mais cordial nem mais limpa que a caldeira motora desses magníficos piróscafos que admiramos a fender as ondas. Paris não é um sublime navio carregado de inteligência? Sim, suas armas são um desses oráculos que por vezes a fatalidade se permite. A

Cidade de Paris tem o seu grande mastro todo de bronze, esculpido de vitórias, e Napoleão como vigia. Essa nau tem também suas arfadas e seus balouços; mas cruza o mundo, faz fogo pelas cem bocas de suas tribunas, sulca os mares científicos neles, voga de velas soltas, e grita do alto de suas gáveas pela voz de seus sábios e de seus artistas: “Avante, marchai! Segui-me!”. Leva uma equipagem imensa que se compraz em empavesá-la de novas bandeiras. Há grumetes e garotos risonhos pelos cordames; lastro de pesada burguesia; obreiros e marinheiros alcatroados; nas cabinas, felizes passageiros; elegantes *midshipmen* fumam seus charutos, debruçados à amurada; no convés, seus soldados, inovadores ou ambiciosos, que vão abordar todas as praias, e, espalhando vivos resplendores, reclamam a glória que é um prazer, ou amores que requerem ouro.

Assim, a agitação excessiva dos proletários, a depravação dos interesses que esmagam as duas burguesias, as severidades do pensamento artístico e os excessos do prazer incessantemente procurado pelos grandes explicam a fealdade normal da fisionomia parisiense. Só no Oriente a raça humana apresenta um busto magnífico; é, porém, efeito da calma constante afetada por aqueles profundos filósofos de longos cachimbos, de pernas curtas, de troncos robustos, que desprezam o movimento e lhe têm horror; enquanto em Paris pequenos, médios e grandes correm, saltam e cabriolam, fustigados por uma deusa impiedosa, a Necessidade; necessidade de dinheiro, de glória, de diversões.

Desse modo, qualquer rosto fresco, repousado, gracioso, verdadeiramente jovem é ali a mais extraordinária das exceções; só muito raramente se encontra. Se algum se nos depara, pertence seguramente a um eclesiástico fervoroso e moço, ou a algum frade quarentão de tríplice papada; a uma jovem criatura de costumes puros como se veem em certas famílias burguesas; a uma mãe de vinte anos, ainda cheia de ilusões e que amamenta seu primeiro filho; a um rapaz recém-desembarcado da

província e confiado a uma devota matrona que o deixa sem vintém; ou, quem sabe, a algum caixeiro de loja que se deita à meia-noite, exausto de dobrar e desdobrar as peças de algodão, e que se levanta às sete para arrumar as prateleiras; ou, por vezes, a um homem de ciência ou a um poeta, que vive monasticamente em paz com uma bela ideia e se conserva sóbrio, paciente e casto; ou a um bobo qualquer, satisfeito consigo mesmo, alimentando-se de asneiras, rebentando de saúde, ocupado sempre em sorrir para si próprio; ou à feliz e frouxa espécie dos *flâneurs*, únicas criaturas realmente felizes de Paris, que saboreiam a todo instante suas instáveis poesias.

Há, entretanto, em Paris uma porção de seres privilegiados aos quais aproveita esse movimento excessivo das manufaturas, dos lucros, dos negócios, das artes e do ouro. Esses seres são as mulheres. Embora tenham também elas mil causas secretas que, mais que alhures, destroem suas fisionomias, encontram-se no mundo feminino tribos felizes que vivem ao modo oriental e podem conservar a beleza. Mas tais mulheres dificilmente saem à rua a pé; permanecem ocultas como as plantas raras que só entreabrem suas pétalas a certas horas e que constituem verdadeiras exceções exóticas. Paris é, entretanto, essencialmente, a cidade dos contrastes. Se os sentimentos verdadeiros são nela raros, encontram-se também ali, como por toda parte, nobres amizades, dedicações sem limites. No campo de batalha dos interesses e paixões, tal como no seio dessas sociedades em marcha nas quais triunfa o egoísmo, onde cada qual é obrigado a se defender sozinho, e que chamamos de *exércitos*, parece que os sentimentos quando surgem é para serem completos e se tornarem sublimes por justaposição. Assim, também, as fisionomias.

Em Paris, às vezes na alta aristocracia, veem-se aqui e ali alguns rostos deslumbrantes de jovens criaturas, frutos de educação e de costumes inteiramente excepcionais. À juvenil beleza do sangue inglês aliam a

firmeza dos traços meridionais, o espírito francês e a pureza de formas. O brilho dos olhos, uma deliciosa vermelhidão de lábios, o negro lustroso da bela cabeleira, a tez alva, o talhe de rosto distinto tornam-nas belas flores humanas, magníficas de ver entre a massa das outras fisionomias, descoradas, envelhecidas, aduncas, cheias de tiques. Também as mulheres admiram logo essas jovens criaturas com esse ávido prazer que leva o olhar dos homens a uma moça bonita, recatada, graciosa, dotada de todas as virgindades com que a nossa imaginação se compraz em adornar a donzela perfeita.

Se este rápido olhar lançado à população de Paris fez compreender a raridade de uma figura rafaelesca e a admiração apaixonada que deve inspirar à primeira vista, estará justificado o objetivo principal de nossa história. *Quod erat demonstrandum*, o que devia ser demonstrado, se nos for permitido aplicar as fórmulas da escolástica à ciência dos costumes.

Ora, por uma dessas belas manhãs de primavera em que as folhas ainda não estão verdes, embora já desenvolvidas; em que o sol começa a fazer reluzir os telhados sob o céu azul; em que a população parisiense sai de seus alvéolos e vem zumbir pelos bulevares correndo como uma serpente de mil cores pela Rue de la Paix em direção às Tuileries para saudar as pompas do himeneu que os campos recomeçam; numa dessas alegres manhãs, um jovem, tão belo como aquele dia, vestido com apuro, de modos desembaraçados (e digamos o segredo), um filho do amor, filho natural de lorde Dudley e da célebre marquesa de Vordac, passeava pela grande alameda das Tuileries. Esse Adônis, chamado Henrique de Marsay,

nascera na França, onde lorde Dudley viera casar a jovem, já então mãe de Henrique, com um velho fidalgo — o sr. de Marsay. Este, borboleta apagada, quase extinta, reconhecera a criança como sua, mediante o usufruto de uma renda de cem mil francos definitivamente atribuída ao filho putativo, extravagância que não custou muito caro a lorde Dudley; os títulos franceses valiam então dezessete francos e cinquenta cêntimos. O

velho fidalgo morreu sem conhecer a mulher. A sra. de Marsay desposou depois o marquês de Vordac; mas, antes de se tornar marquesa, pouco se importou com o filho e com lord Dudley. Aliás a declaração de guerra entre a França e a Grã-Bretanha havia separado os amantes, e a fidelidade a toda prova não estava e não estará muito em moda em Paris. Além disso, os êxitos da mulher elegante, bonita, universalmente adorada, amorteceram na parisiense o sentimento materno. Lord Dudley, por sua vez, não cuidou de seu filho mais que a mãe.

Talvez a imediata infidelidade da moça ardentemente amarga lhe houvesse comunicado certa aversão por tudo que dela vinha. É também possível, ademais, que os pais só amem os filhos com os quais possuam intimidade; convicção social essa da maior importância para a estabilidade das famílias, e que deve ser alimentada por todos os celibatários, por provar que a paternidade é sentimento cultivado em estufa pela mulher, pelos costumes e pela lei.

O pobre Henrique de Marsay só encontrou pai naquele dentre os dois que não era obrigado a sê-lo. Naturalmente, a paternidade do sr. de Marsay foi muito incompleta. As crianças, na ordem natural, só têm pai por poucos instantes; e o fidalgo imitou a natureza. O velhote não teria vendido o nome se não tivesse vícios. Comeu, então, sem remorsos, pelas espeluncas e bebeu totalmente as parcas rendas semestrais que lhe ia pagando o Tesouro nacional. Entregou o menino a uma velha irmã solteirona, que a ele se dedicou, dando-lhe, com a magra pensão concedida pelo irmão, um preceptor, um padre sem eira nem beira que, avaliando o futuro do rapaz, resolveu pagar-se dos desvelos dados ao pupilo, por quem tomou-se de afeição, com os mil francos de sua renda. Aconteceu que esse preceptor era um verdadeiro padre, um desses eclesiásticos talhados para se tornarem cardeais na França ou na Bórgia sob a tiara. Ensinou em três anos ao rapazinho o que só em dez teria este aprendido numa escola. E esse grande homem, chamado padre De

Maronis, concluiu a educação do aluno fazendo-o estudar a civilização sob todos os aspectos: transmitiu-lhe sua experiência e levou-o muito pouco às igrejas, então fechadas; conduziu-o algumas vezes aos bastidores e muitas às casas de cortesãs; desmontando-lhe os sentimentos humanos peça por peça; mostrou-lhe a política nos salões onde ela então refervia; enumerou-lhe as máquinas governamentais e tentou, por amizade a uma bela natureza desamparada, mas rica de esperanças, substituir-lhe virilmente a mãe; não é a Igreja a mãe dos órfãos?

O aluno correspondeu a tantos cuidados. O digno homem morreu bispo, em 1812, com a satisfação de haver deixado sob os céus um filho cujo coração e espírito estavam aos dezesseis anos tão bem-formados, que poderia superar um homem de quarenta. Quem poderia imaginar um coração de bronze, um cérebro alcoolizado sob as mais sedutoras aparências que os velhos pintores, artistas ingênuos, deram à serpente no paraíso terrestre? E ainda não é nada. Além disso, o bom diabo roxo fizera com que o seu pupilo travasse na alta sociedade de Paris certos conhecimentos que podiam equivaler, nas mãos do jovem, a outros cem mil francos de renda. Enfim, o padre, vicioso mas político, incrédulo mas sábio, pérfido mas amável, na aparência fraco mas tão vigoroso de inteligência como de corpo, foi tão realmente útil ao discípulo, tão complacente com os seus vícios, tão bom calculador de todas as espécies de forças, tão profundo quando era preciso achar qualquer desculpa humana, tão jovem à mesa, no Frascati, em... não sei onde, que o agradecido Henrique de Marsay só se enternecia, em 1814, ao contemplar o retrato de seu caro bispo, única coisa mobiliária que lhe pôde legar o prelado, admirável tipo dos homens que hão de salvar a Igreja Católica Apostólica e Romana, comprometida a esta altura pela fraqueza dos seus recrutas e pela velhice dos seus pontífices; mas, ainda assim, a Igreja!

A guerra continental impediu o jovem De Marsay de conhecer seu verdadeiro pai, de quem é duvidoso que soubesse o nome. Criança

abandonada, não conheceu também a sra. de Marsay. Naturalmente, pouco sentiu a perda do pai putativo. Quanto à irmã deste, sua única mãe, fez erigir-lhe no cemitério do Père-Lachaise, quando ela morreu, um lindo e pequeno túmulo. Monsenhor de Maronis havia garantido àquela velha touca de rendas um dos melhores lugares no céu, de modo que, vendo-a morrer feliz, Henrique concedeu-lhe algumas lágrimas egoístas, pondo-se a chorar por si mesmo. Observando aquela dor, o prelado secou as lágrimas do discípulo, fazendo-o observar que a boa mulher estava a se acabar de modo tão desagradável, tornando-se tão feia, tão surda, tão enfadonha, que se devia até agradecer à morte.

O bispo fizera emancipar seu aluno em 1811. Mais tarde, quando a mãe do sr. de Marsay tornou a casar-se, o sacerdote escolheu, num conselho de família, um desses honestos acéfalos bem joeirados por ele no confessionário e o encarregou de administrar a fortuna cujos rendimentos ele aplicava, é certo, em bem da comunidade, mas da qual queria conservar intacto o capital. Lá para os fins de 1814, Henrique de Marsay não tinha, pois, sobre a terra nenhum sentimento obrigatório e se encontrava tão livre como um pássaro sem companheira. Apesar de já ter completado vinte e dois anos, parecia ter apenas dezessete. Geralmente, os seus rivais mais exigentes consideravam-no o mais belo rapaz de Paris. De seu pai, lorde Dudley, herdara os olhos azuis mais amorosamente sedutores; de sua mãe, os mais bastos cabelos negros; de ambos, um sangue puro, uma pele de moça, um ar doce e modesto, um talhe fino e aristocrático e mãos belíssimas. Para uma mulher, vê-lo era enlouquecer, compreendeis?, conceber um desses desejos que roem o coração, mas que se esquecem pela impossibilidade de ser satisfeitos, porque a mulher, em Paris, geralmente não tem tenacidade. Poucas dentre elas afirmam como os homens *o Je maintiendrai* da Casa de Orange.

Sob esse frescor de vida, e apesar da limpidez de seus olhos, Henrique tinha uma coragem de leão e uma agilidade de macaco. A dez passos

colocava uma bala na lâmina de uma faca; montava a cavalo de modo a tornar realidade a fábula do centauro; guiava com graça uma carruagem de longas rédeas; era lesto como Querubim e tranquilo como um cordeiro; mas sabia bater um homem dos arrabaldes no terrível jogo da savate ou do pau; além disso, tocava piano de tal modo que poderia tornar-se recitalista se um dia ficasse em má situação, e possuía uma voz pela qual Barbaja pagaria cinquenta mil francos por temporada. Mas ai! todas essas belas qualidades, esses encantadores senões, eram maculados por um defeito terrível; ele não acreditava nem nos homens, nem nas mulheres, nem em Deus, nem no diabo. A natureza caprichosa havia começado a dotá-lo; um sacerdote havia completado a obra.

Para tornar compreensível esta história, é necessário acrescentar aqui que lorde Dudley achou naturalmente muitas mulheres dispostas a tirar algumas cópias de retrato tão delicioso. Sua segunda obra-prima neste gênero foi uma jovem chamada Eufêmia, nascida de uma dama espanhola, criada em Havana e reconduzida a Madri com uma jovem crioula das Antilhas e com todos os gostos perniciosos das colônias; mas, felizmente, casada com um velho senhor espanhol prodigiosamente rico, don Hijos, marquês de San-Real, que depois da ocupação da Espanha pelas tropas francesas viera residir em Paris e morava na Rue Saint-Lazare. Tanto por displicência como por respeito à inocência da juventude, lorde Dudley não deu conhecimento a seus filhos da parentela que por toda parte lhes criava. É esse um dos pequenos inconvenientes da civilização, que tem tantas vantagens! Há que perdoar-lhe seus males à vista de seus benefícios.

Em resumo: lorde Dudley veio em 1816 refugiar-se em Paris, a fim de evitar as perseguições da justiça inglesa, que, do Oriente, só protege a mercadoria. O lorde viajante, ao ver Henrique, perguntou quem era aquele belo jovem. Depois, ao ouvir-lhe o nome, disse: “Ah?! É meu filho. Que desgraça!”.

Tal era a história do rapaz que, por meados do mês de abril de 1815, percorria despreocupadamente a grande Avenue des Tuileries, com os modos de todos os animais que, conhecendo sua força, caminham com majestosa tranquilidade. As burguesas voltavam-se ingenuamente para o ver; as damas, porém, não se voltavam, esperavam-no em sua volta e gravavam na memória, para o evocar oportunamente, aquele rosto suave que não teria enfeado o corpo da mais bela dentre elas.

— Que fazes por aqui num domingo? — disse a Henrique o marquês de Ronquerolles, que passava.

— Há peixe na rede — respondeu o jovem.

Essa troca de pensamentos fez-se por meio de dois olhares significativos e sem que nem Ronquerolles nem De Marsay dessem demonstração de se conhecerem. O jovem examinava os passeantes com esse olhar vigilante e esse ouvido atento peculiares ao parisiense, que, sob a aparência de nada ver e nada ouvir, tudo vê e tudo ouve. Nesse momento um rapaz chegou-se a ele e tomou-lhe familiarmente o braço, dizendo:

— Como vai, meu bom De Marsay?

— Mas muito bem — respondeu De Marsay, com esse ar aparentemente afetuoso que entre os jovens parisienses nada prova, nem quanto ao presente nem quanto ao futuro.

Efetivamente, os moços de Paris não se assemelham aos de nenhuma outra cidade. Dividem-se em duas classes: o jovem que tem alguns haveres e o jovem que nada tem; ou aquele que pensa e aquele que gasta.

Entretanto, é preciso compreender bem que não se trata aqui senão desses nativos que em Paris seguem o curso delicioso duma vida elegante. Existem ainda na capital, é certo, alguns outros moços: são, porém, crianças que só muito tarde se apercebem da existência parisiense e dela se tornam joguetes. Estes não especulam, estudam; “cavam”, dizem os outros. Enfim, veem-se ainda certos jovens, ricos ou pobres, que abraçam uma carreira e a seguem uniformemente. São um pouco como o

Emílio de Rousseau, estofo de que se fazem bons cidadãos; jamais aparecem na sociedade. Os diplomatas impolidamente os chamam de tolos. Tolos ou não, eles aumentam o número de pessoas medíocres sob cujo peso a França verga. Estão sempre presentes, sempre prontos a estragar os negócios públicos ou particulares com a trolha chata da mediocridade, jactando-se de sua impotência, a que chamam “hábitos de probidade”. Essa espécie de *primeiros prêmios* sociais infestam a administração, o Exército, a magistratura, as câmaras, a Corte. Rebaixam, achatam o país e constituem, de certo modo, no corpo político, uma linfa que o sobrecarrega e o extenua. Tais pessoas honestas chamam de imorais ou de patifes as pessoas de talento. Mas, se esses patifes fazem pagar seus serviços, pelo menos prestam serviços; ao passo que aqueles são nocivos e são respeitados pela multidão. Felizmente, porém, para a França, a mocidade elegante os estigmatiza sem cessar com o apodo de basbaques.

É natural, portanto, que ao primeiro golpe de vista se julguem muito diferentes as duas espécies de jovens que levam vida elegante — amável corporação à qual pertencia Henrique de Marsay. Entretanto, os observadores que não se detêm na superfície das coisas chegam logo à convicção de que as diferenças são puramente morais e que nada é tão enganador como essa bela aparência. No entanto, todos eles tomam a dianteira a todo o mundo; falam a torto e a direito das coisas, dos homens, de literatura, de belas-artes. Têm sempre na boca o *Pitt e Cobourg* de cada ano; interrompem uma conversa com um trocadilho; ridicularizam a ciência e os sábios; desprezam tudo o que desconhecem ou temem; colocam-se acima de tudo, arvorando-se em supremos juízes de tudo. Qualquer deles mistificaria seus próprios pais e seria capaz de derramar no seio materno lágrimas de crocodilo. Mas geralmente em nada creem, falam mal das mulheres ou fingem modéstia, e na realidade obedecem a uma cortesã nada recomendável ou a alguma mulher velha. São todos igualmente corrompidos, até a medula dos ossos, pelo interesse, pela

depravação e por uma brutal ambição de ascender. Se sofressem de cálculos e os sondássemos, no coração é que lhes iríamos encontrar as pedras. Em seu estado normal têm a mais encantadora das aparências; por qualquer coisa põem em jogo a amizade, são sempre atraentíssimos. A mesma irreverência domina sua gíria inconstante; visam à extravagância na indumentária, vangloriam-se de repetir as asneiras de tal ou qual ator em voga e começam com quem quer que seja pelo desprezo ou pela impertinência para ter de certo modo a primeira vantagem nesse jogo; mas aí daquele que não souber deixar-se vaziar um olho para poder vaziar os dois ao adversário. Parecem igualmente indiferentes às desgraças e aos flagelos da pátria. Parecem-se todos, enfim, à bela espuma branca que coroa as ondas tempestuosas. Vestem-se, jantam, dançam, divertem-se no dia da batalha de Waterloo, durante a cólera ou durante uma revolução.

Todos em suma vivem no mesmo ritmo perdulário; mas aqui começa o paralelo. Dessa fortuna flutuante e agradavelmente desbaratada, uns têm o capital e outros o aguardam. Vestem-se no mesmo alfaiate, mas as faturas daqueles estão por pagar. Depois se estes, como crivos, recebem toda espécie de ideias sem guardar nenhuma, aqueles as comparam e assimilam as boas. Se estes julgarem saber alguma coisa, nada sabem e tudo compreendem, emprestam tudo a quem de nada precisa e nada oferecem aos que necessitam de alguma coisa; aqueles estudam secretamente os pensamentos alheios e colocam seu dinheiro bem como suas loucuras a juros elevados. Uns não têm impressões exatas porque suas almas, como um espelho despolido pelo uso, não refletem mais imagem alguma; outros poupam seus sentidos e sua vida aparentando, como aqueles, jogá-la pela janela. Os primeiros, sob a bandeira de uma esperança, devotam-se sem convicção a um sistema que está a favor do vento e que sobe a correnteza, mas saltam para outra barca política quando a primeira deriva; os segundos medem o futuro, sondam-no e veem na fidelidade política aquilo que os ingleses veem na probidade comercial: um

elemento de sucesso.

Mas ali onde o jovem que possui algo faz um trocadilho ou diz uma pilhéria sobre a reviravolta do trono, o que nada possui faz um cálculo público ou uma baixeza secreta e sobe distribuindo apertos de mão entre os amigos. Uns nunca veem grandes faculdades em pessoa alguma, pensam que todas as suas próprias ideias são novidades, como se o mundo tivesse sido criado na véspera; têm uma confiança ilimitada em si e não possuem inimigos mais cruéis do que eles mesmos. Os outros, porém, estão possuídos de contínua desconfiança dos homens que eles estimam pelo justo valor e são bastante profundos para ter um pensamento a mais que os amigos a quem exploram. À noite, com a cabeça no travesseiro, pesam os homens como um avaro pesa suas moedas de ouro. Uns zangam-se por qualquer impertinência sem alcance e deixam-se ridicularizar pelos diplomatas que os fazem dançar como títeres puxando-lhes o cordão principal — o amor-próprio, enquanto os outros fazem-se respeitar e escolhem suas vítimas e seus protetores. E, afinal, um dia os que nada tinham possuem algo, e os que possuíam alguma coisa nada mais têm.

Esses consideram seus camaradas chegados a uma alta posição como espertos e corações duros, mas também como homens fortes. “Ele é um colosso!”... é o imenso elogio conferido àqueles que atingiram, *quibuscumque* viis, a política, que conseguiram uma mulher ou uma fortuna.

Entre eles encontram-se certos jovens que desempenham tal papel começando com dívidas; e, naturalmente, são mais perigosos do que aqueles que o representam sem ter um vintém.

O rapaz que se intitulava amigo de Henrique de Marsay era um estouvado que chegara da província e ao qual os jovens então na moda ensinavam a arte de podar uma herança convenientemente. Mas possuía ainda na província um último prato a ser devorado, uma situação segura.

Era simplesmente um herdeiro que passara sem transição de seus magros cem francos mensais à posse de toda a fortuna paterna e que, se não tinha espírito bastante para se aperceber de que zombavam dele, sabia calcular o bastante para se conter nos dois terços de seu capital. Vinha descobrir em Paris, mediante algumas cédulas de mil francos, o valor exato dos seus arneses, a arte de não dar demasiada importância às suas luvas, ouvir sábias indicações sobre salários a pagar aos criados e procurar qual o melhor partido a tirar deles.

Fazia questão de falar como conhecedor em seus cavalos, em seu cão dos Pirineus e a reconhecer pelo traje, pelo caminhar, pelo calçado, a que espécie pertencia uma mulher; estudar o *écarté*, empregar algumas palavras em voga e conquistar, por sua permanência na sociedade parisiense, a autoridade necessária para levar mais tarde para a província o gosto do chá, a prataria inglesa, e arrogar-se o direito de desprezar tudo em torno dele pelo resto de seus dias.

De Marsay aceitara sua amizade para dele servir-se na sociedade, como um especulador audacioso se serve de um agente de confiança. A amizade, falsa ou verdadeira, de De Marsay era uma posição social para Paulo de Manerville, que, por seu lado, julgava-se muito hábil explorando à sua maneira o amigo íntimo. Vivia do reflexo do amigo; punha-se à sua sombra, imitava-o, dourava-se em seus raios. Colocando-se junto a Henrique, ou mesmo caminhando atrás dele, parecia dizer: “Não nos insulteis, nós somos verdadeiros tigres”. Muitas vezes dava-se o luxo de dizer com fatuidade: “Se eu pedisse isto ou aquilo a Henrique, ele seria bastante meu amigo para o fazer”... Mas tinha o cuidado de jamais lhe pedir coisa alguma. Temia-o, e seu temor, ainda que imperceptível, reagia sobre os outros e servia a De Marsay.

— É um sujeito formidável este De Marsay — dizia Paulo. — Ah, ah! vocês hão de ver, ele será tudo o que quiser ser. Não me admiraria vê-lo um dia ministro das Relações Exteriores. Nada lhe resiste.

Fazia enfim de De Marsay o que o cabo Trim fazia de seu quepe: uma parada perpétua.

— Perguntem a De Marsay e vocês verão.

Ou:

— Outro dia, enquanto eu e De Marsay caçávamos, não querendo ele acreditar-me, saltei uma sebe de espinheiros sem me mover na sela.

Ou:

— Estávamos, eu e De Marsay, numa casa de mulheres, e, palavra de honra, eu estava etc.

Assim, Paulo de Manerville não podia ser classificado senão na grande, na ilustre e poderosa família dos tolos que triunfam. Deveria chegar um dia a deputado. Por ora não era nem mesmo alguém. Seu amigo De Marsay definia-o assim: “Vocês me perguntam o que é Paulo. Mas Paulo... Paulo é Paulo de Manerville”.

— Assombra-me, meu caro — disse ele a De Marsay — que andes por aqui num domingo.

— E eu ia te dizer o mesmo.

— Uma aventura...

— Uma aventura?

— Ora!

— A ti eu posso contar, sem comprometer minha paixão. Afinal, uma mulher que vem aos domingos às Tuileries não tem grande valor, aristocraticamente falando.

— Ah! ah!

— Cala-te, ou nada mais te digo. Ris muito alto; vais fazer crer que abusamos do almoço. Quinta-feira passada, aqui, sobre o Terrasse des Feuillants, eu passeava distraído, sem pensar em coisa alguma. Ao chegar, porém, à grade da Rue Castiglione, pela qual pensava seguir, encontrei-me frente a frente com uma mulher, ou antes com uma mocinha que, se não me saltou ao pescoço, foi por sentir-se coibida,

penso, menos pelo respeito humano que por um desses profundos assombros que amolecem pernas e braços, descem ao longo da espinha dorsal e se detêm na sola dos pés para pregar a gente no chão. Tenho produzido muitas vezes efeitos desse gênero, espécie de magnetismo animal que se torna muito poderoso quando existe certa afinidade de sentimento. Mas, meu caro, desta vez não era nem um assombro vulgar nem uma pequena vulgar. Moralmente falando, seu semblante parecia dizer: “Como? és tu, o meu ideal, a criatura dos meus pensamentos, dos meus sonhos diuturnos? Como estás aqui? Por que esta manhã? Por que não ontem? Toma-me, sou tua, *et cætera!*”. “Bom”, disse eu a mim mesmo, “ainda uma outra!” Examinei-a então. Ah! meu caro, fisicamente falando, a desconhecida é a criatura mais adoravelmente feminina que já encontrei. Pertence a essa variedade que os romanos denominavam *fulva*, *flava*, a mulher de fogo. E o que à primeira vista mais me surpreendeu, o que ainda me impressiona, são dois olhos fulvos como os dos tigres; olhos cor de ouro, de ouro que brilha, de ouro que tem vida, de ouro que pensa, de ouro que ama e quer absolutamente vir a ser nosso!

“Mas nós conhecemos isso muito bem, meu caro! — exclamou Paulo. — Ela vem aqui algumas vezes, é a *menina dos olhos de ouro*. Nós lhe demos esse nome. É uma jovem de uns vinte e dois anos mais ou menos e que eu encontrei aqui quando os Bourbon aqui estavam. Vi-a com uma mulher que vale cem mil vezes mais que ela.”

— Cala-te, Paulo! É impossível que uma mulher, seja quem for, possa sobrepujar essa pequena que se assemelha a uma gata que quer vir roçar-se em nossas pernas, uma criatura alva de cabelos prateados, de aparência delicada, mas que deve ter fiozinhos sedosos sobre a terceira falange dos dedos e ao longo das faces uma penugem clara cuja linha, luminosa na claridade, começa sob as orelhas e se perde no colo.

— Oh! A outra, meu caro De Marsay, tem uns olhos negros que jamais choraram, mas que queimam; sobrancelhas pretas que, quando se unem,

lhe dão um ar de dureza desmentido pelo franzir dos lábios, sobre os quais o beijo não se demora, lábios ardentes e frescos; uma tez mourisca à qual um homem se aquece como ao sol; mas, palavra de honra, ela se parece contigo...

— Tu a lisonjeias!

— Um talhe bem torneado, o talhe esbelto de uma corveta construída para fazer o curso, dessas que se lançam sobre um navio mercante com a impetuosidade francesa, e o abrem e põem a pique em dois tempos.

— Enfim, meu caro, que me importa aquela que nunca vi! — respondeu De Marsay. — Desde que estudo as mulheres, minha desconhecida é a única cujo seio virgem, cujas formas ardentes e voluptuosas tornaram realidade a verdadeira mulher de meus sonhos. Ela é o original da delirante tela chamada *Mulher a acariciar sua quimera*, a mais cálida, a mais infernal inspiração do gênio antigo, sagrada poesia prostituída pelos que a copiaram para afrescos e mosaicos, para a súcia de burgueses que não veem nesse camafeu senão um berloque e o põem nas suas chaves de relógio, enquanto na verdade ela é toda a mulher, um abismo de prazer onde a gente rola sem chegar ao fim, uma mulher ideal que se vê algumas vezes na Espanha, na Itália, mas quase nunca na França. Pois bem, eu revi essa menina dos olhos de ouro, essa mulher a acariciar sua quimera, eu a revi aqui, sexta-feira. Tive o pressentimento de que no dia seguinte ela viria à mesma hora. Não me enganei. Dei-me ao prazer de segui-la sem que me visse, de estudar esse andar indolente da mulher sem preocupações, mas nos movimentos da qual se adivinha a voluptuosidade que dorme. Ela voltou-se e me viu, de novo me adorou, de novo se assustou, estremeceu. Então notei a verdadeira aia espanhola que a guarda, uma hiena em que um ciumento pôs um vestido, alguma bruxa bem paga para vigiar aquela suave criatura... Oh! então, a ama me tornou mais que enamorado; tornei-me curioso. Sábado, ninguém. Eis-me aqui hoje esperando essa pequena de quem sou a quimera, e nada mais desejando que me colocar como o

monstro do quadro.

— Aí vem ela — disse Paulo. — Todo o mundo se volta para vê-la...

A desconhecida enrubesceu e seus olhos cintilaram ao perceber Henrique; cerrou-os e passou.

— E dizes que ela te distingue? — exclamou zombeteiramente Paulo de Manerville.

A aia olhou fixamente e com atenção os dois rapazes. Quando a desconhecida e Henrique de novo se encontraram, a moça roçou-o de leve e sua mão apertou a mão do jovem. Depois voltou-se e sorriu com paixão; mas a aia arrastou-a apressadamente para a grade da Rue Castiglione. Os dois amigos seguiram a moça admirando o torneado magnífico daquele pescoço ao qual a cabeça se unia por uma combinação de linhas fortes, e de onde ressaltavam com vigor alguns anéis de cabelos. A menina dos olhos de ouro tinha esse pé elegante, pequenino, recurvo, que tantos encantos oferece às imaginações gulosas. Estava também elegantemente calçada e usava vestido curto.

Durante o trajeto ela se voltava de momento a momento para rever Henrique. Parecia seguir a contragosto a velha de quem parecia ser ao mesmo tempo senhora e escrava: poderia fazê-la moer de pancadas, mas não a despedir. Tudo isso era evidente. Os dois amigos chegaram à grade. Dois criados de libré desdobravam o estribo de um cupê de bom gosto, carregado de brasões. A menina dos olhos de ouro subiu em primeiro lugar e ocupou o lado de onde poderia ser vista quando a carruagem fizesse a volta; pôs a mão sobre a portinhola e agitou o lenço às escondidas da aia, sem se importar com o *que dirão* dos curiosos, dando a entender publicamente a Henrique com a linguagem do lenço: “Siga-me”...

— Viste alguma vez manejar o lenço com mais graça? — disse Henrique a Paulo de Manerville. Depois, avistando um fiacre prestes a partir depois de haver trazido algumas pessoas, fez sinal ao cocheiro que esperasse.

— Siga esse cupê, veja em que rua, em que casa ele entra; terá dez

francos. Adeus, Paulo.

O fiacre seguiu o cupê, que entrou na Rue Saint-Lazare, num dos mais belos palácios do bairro.

II — UMA SINGULAR AVENTURA AMOROSA

De Marsay não era um estouvado. Qualquer outro teria obedecido ao desejo de tomar imediatamente informações sobre a moça que realizava tão bem as mais luminosas ideias expressas acerca das mulheres pela poesia oriental. Mas, muito hábil para comprometer assim o futuro de sua boa fortuna, disse ao cocheiro que continuasse pela Rue Saint-Lazare e o conduzisse ao seu palacete.

No dia seguinte, seu primeiro camareiro, chamado Lourenço, rapaz astuto como um Frontin da antiga comédia, esperava, nas cercanias da casa da desconhecida, a hora em que se distribuem as cartas. A fim de poder espionar à vontade e perambular em torno do palácio, havia comprado ali mesmo, segundo o costume da gente da polícia quando se quer disfarçar, as roupas usadas de um auvergnês, tentando imitar-lhe os modos. Quando o carteiro, que essa manhã fazia o serviço da Rue Saint-Lazare, passou, Lourenço fingiu-se um carregador em dificuldades por não poder recordar-se do nome da pessoa à qual deveria entregar um pacote; e consultou o carteiro. Enganado à primeira vista pelas aparências, esse personagem tão pitoresco no meio da civilização parisiense explicou-lhe que o palácio onde morava a *menina dos olhos de ouro* pertencia a don Hijos, marquês de San-Real, grande d’Espanha. Naturalmente o auvergnês nada queria com o marquês.

— Meu pacote — disse ele — é para a marquesa.

— Ela está ausente — respondeu o carteiro. — Suas cartas são reexpedidas para Londres.

— A marquesa não é então uma jovem que...

— Ah! — disse o carteiro, interrompendo o camareiro e o examinando com atenção —, tu és tão carregador como eu bailarino.

Lourenço mostrou algumas moedas de ouro ao carteiro, que se pôs a rir.

— Bem, aqui está o nome da tua caça — disse ele tomando da bolsa de couro uma carta que trazia o carimbo de Londres e sobre a qual este endereço:

À senhorita

PAQUITA VALDEZ

Rue Saint-Lazare, Palace San-Real

PARIS

Estava escrito em caracteres finos e miúdos que denunciavam mão de mulher.

— Faria desfeita a uma garrafa de vinho de Chablis, acompanhado de um filé com *champignons* e precedido de algumas dúzias de ostras? — perguntou Lourenço, que desejava conquistar a preciosa amizade do carteiro.

— Às nove e meia, depois de meu serviço. Onde?

— À esquina da Rue de La Chaussée-d'Antin com a Rue Neuve-des-Mathurins, no Puits sans Vin — disse Lourenço.

— Escute, meu amigo — disse o carteiro ao encontrar-se de novo com o camareiro, uma hora depois —, se o seu amo está enamorado dessa menina, ele vai ter um trabalho louco! Duvido que você consiga vê-la. Durante os dez anos em que sou carteiro em Paris, pude conhecer bem todas as espécies de portarias e posso afirmar, sem medo de ser desmentido por nenhum de meus camaradas, que não há porta mais misteriosa que a do sr. de San-Real. Pessoa alguma pode penetrar no palácio sem não sei que santo e senha. E note que ele foi propositalmente escolhido por estar situado no meio do terreno, para evitar qualquer

comunicação com outras casas. O porteiro é um velho espanhol que não fala uma palavra de francês, mas que encara as pessoas como faria Vidocq para saber se não são ladrões. Se esse primeiro guarda-chaves pudesse deixar-se enganar por um amante, por um ladrão ou por você (não comparando), pois bem, encontraria na primeira sala, que é fechada por uma porta de vidro, um mordomo cercado de lacaios, um velho farsante ainda mais selvagem e mais feroz do que o porteiro. Se alguém franquear a porta principal, o tal mordomo sai, espera a gente sob o peristilo e a faz passar por um interrogatório como a um criminoso. Isso me aconteceu, a mim, simples emissário. Ele me tomou por um *hemisfério* disfarçado — disse ele rindo do disparate. — Quanto aos criados, nada espere conseguir deles; creio que são mudos; ninguém nos arredores conhece o som de suas vozes; não sei que ordenado lhes dão para que nunca falem e nunca bebam. O fato é que são inabordáveis, ou porque tenham medo de ser fuzilados, ou porque tenham enorme soma a perder em caso de indiscrição. Se o seu patrão ama de tal modo a srta. Paquita Valdez que chegue a vencer todos esses obstáculos, não triunfará por certo de dona Concha Marialva, a aia que a acompanha e que antes a meteria sob suas saias do que deixá-la só. Essas duas mulheres parecem viver coladas.

— O que me diz, amigo carteiro — respondeu Lourenço depois de haver provado o vinho —, confirma o que soube há pouco. Palavra! pensei que zombavam de mim. A vendedora de frutas em frente me disse que soltavam durante a noite, nos jardins, cães cujo alimento é suspenso em postes de maneira que não o possam atingir. Esses danados animais acreditariam assim que as pessoas que lá possam entrar procurem a sua comida e as fariam em pedaços. Você dirá que lhes poderiam atirar nacos de carne, mas parece que eles são adestrados de forma a nada comerem senão da mão do porteiro.

— O porteiro do sr. barão de Nucingen, cujo jardim limita na parte

alta com o do Palace San-Real, me contou isso efetivamente — disse o carteiro.

— Bom, meu amo o conhece — disse consigo Lourenço. — Sabe — continuou ele piscando o olho para o carteiro — que sirvo a um amo que é um homem formidável, que se lhe der na cabeça de beijar a sola dos pés de uma imperatriz ela terá que passar por isso? Se precisar de você, o que eu lhe desejo, porque ele é generoso, pode-se contar com o amigo?

— Ora essa, senhor Lourenço, eu me chamo Moinot. Meu nome se escreve absolutamente como um *moineau*: M-o-i-n-o-t, not, Moinot.

— De fato — disse Lourenço.

— Moro na Rue des Trois Frères, nº 11, no quinto — continuou Moinot —; tenho mulher e quatro filhos. Se o que quer de mim não está além das possibilidades da consciência e de meus deveres administrativos, você compreende!, estou ao seu dispor.

— Você é um bom sujeito — disse Lourenço apertando-lhe a mão.

— Paquita Valdez é sem dúvida amante do marquês de San-Real, o amigo do rei Fernando. Só um velho cadáver espanhol de oitenta anos é capaz de tomar semelhantes precauções — disse Henrique quando o camareiro lhe contou o resultado de suas indagações.

— Senhor — disse-lhe Lourenço —, a menos que vá num balão, ninguém pode entrar naquele palácio.

— Tu és uma besta! Não há necessidade de entrar no palácio para ter Paquita, uma vez que Paquita dele pode sair.

— Mas, meu senhor, e a aia?

— Há de ser encerrada num quarto por alguns dias, a tua aia.

— Então, teremos Paquita! — disse Lourenço esfregando as mãos.

— Patife! — respondeu Henrique. — Eu te condeno à Concha se levas a insolência ao ponto de falar assim de uma mulher antes de ela ter sido minha. Trata de me vestir, que vou sair.

Henrique ficou durante alguns instantes mergulhado em agradáveis

reflexões. Digamo-lo em louvor das mulheres: estava habituado a ter quantas se dignasse desejar. E que se poderia pensar de uma mulher sem amante que soubesse resistir a um jovem armado da beleza, que é o espírito do corpo, armado do espírito, que é uma graça da alma, armado da força moral e da fortuna, que são os dois únicos poderes verdadeiros? Mas, triunfando assim facilmente, De Marsay devia entediarse de seus triunfos; por isso, fazia uns dois anos que se entediava muitíssimo. Mergulhando no fundo dos prazeres, deles trazia mais areia que pérolas. Daí ter chegado, como os soberanos, a implorar do acaso algum obstáculo a vencer, alguma ocupação que lhe exigisse o emprego das forças morais e físicas inativas. Apesar de Paquita Valdez lhe apresentar todo o maravilhoso conjunto de perfeições que ele não havia ainda gozado senão em bocados, o fascínio da paixão era nele quase nulo. Uma saciedade constante havia-lhe embotado o sentimento do amor. Como os velhos e os prostrados, não tinha mais que caprichos extravagantes, gostos ruins, fantasias que, satisfeitas, não lhe deixavam no coração nenhuma lembrança feliz. Nos moços, o amor é o mais belo dos sentimentos: faz florescer a vida na alma, faz desabrochar por seu poder solar as mais belas inspirações e os grandes pensamentos; as primícias em todas as coisas têm um delicioso sabor. Nos adultos, o amor se transforma em paixão; a força leva ao abuso. Nos velhos, ele se torna um vício; a impotência conduz aos extremos. Henrique era, ao mesmo tempo, velho, adulto e moço. Para experimentar as emoções de um verdadeiro amor, precisava, como Lovelace, de uma Clarissa Harlowe. Sem o reflexo mágico dessa pérola raríssima, ele só poderia ter ou paixões aguçadas por alguma vaidade parisiense, ou preconcebidos propósitos de levar tal ou qual mulher a certo grau de corrupção, ou ainda aventuras que estimulassem sua curiosidade. O relatório de Lourenço, seu camareiro, acabava de dar um valor enorme à *menina dos olhos de ouro*. Tratava-se de travar batalha com um inimigo secreto, que parecia tão perigoso quanto hábil; e, para

conquistar a vitória, nenhuma das forças de que Henrique poderia dispor seria inútil. Ele ia representar a eterna, a velha comédia sempre nova, na qual os personagens são um velho, uma moça e um enamorado: don Hijos, Paquita, De Marsay.

Se Lourenço equivalia a Fígaro, a aia parecia incorruptível. A peça real fazia-se, assim, mais emaranhada pelo caso do que pela ficção de qualquer autor dramático! Mas não será o acaso também um homem de gênio?

— Vai ser preciso jogar forte — disse consigo Henrique.

— E então — disse Paulo de Manerville entrando —, em que ficamos? Venho almoçar contigo.

— Bem — disse Henrique. — Não te ofenderás se eu me visto em tua presença, não?

— Ora, essa é boa!

— Adotamos tanta coisa dos ingleses agora, que nos poderíamos tornar hipócritas e moralistas como eles — disse Henrique.

Lourenço havia trazido para junto do amo tantos utensílios, tantos móveis diferentes e tão lindas coisas, que Paulo não pôde deixar de dizer:

— Mas vais levar nisso umas duas horas, não?

— Não! — retrucou Henrique. — Duas horas e meia.

— Pois bem! Aqui entre nós, já que estamos sós e que podemos confiar um no outro, explica-me por que um homem superior como tu, pois que és superior, afeta até o exagero uma fatuidade que não pode ser nele natural. Por que passar duas horas e meia a se embonecar, quando bastaria tomar um banho em quinze minutos, pentear-se em dois tempos e vestir-se? Vamos, conta-me lá o teu sistema.

— É preciso que eu te queira muito, meu patetão, para te confiar tão altos pensamentos — disse o rapaz, que se fazia nesse momento escovar os pés com uma escova macia passada em sabão inglês.

— Mas tenho por ti a mais sincera afeição — respondeu Paulo de

Manerville — e te admiro por te achar superior a mim...

— Deves ter notado, se todavia és capaz de observar um fato moral, que a mulher ama os fátuos — tornou De Marsay respondendo apenas com um olhar à declaração de Paulo. — Sabes por que as mulheres gostam dos fátuos? Os fátuos, meu amigo, são os únicos homens que têm cuidados consigo mesmos. Ora, cuidar zelosamente de si não é afinal zelar em si mesmo pelo bem de outrem? O homem que não se pertence é precisamente o homem que as mulheres cobiçam. O amor é essencialmente ladrão. E nem preciso falar-te do excessivo sentimento de propriedade que as domina. Encontrei já uma única que se tenha apaixonado por algum desmazelado, mesmo que fosse um homem notável? Se isso aconteceu alguma vez, o fato deve ser levado à conta de desejos de mulher grávida, uma dessas ideias loucas que passam pela cabeça de todo o mundo. Pelo contrário, tenho visto pessoas altamente notáveis postas de lado em consequência de sua incúria. Um presunçoso que se ocupa com sua pessoa ocupa-se de frivolidades, de pequenas coisas. E o que é a mulher? Uma pequena coisa, um amontoado de frioleiras. Com duas palavras ditas no ar, não a fazemos palpitar durante quatro horas? Está convencida de que o fátuo pensará nela, visto que ele não pensa em grandes coisas; que não será jamais preterida pela glória, pela ambição, pela política, pela arte, essas grandes prostitutas que ela considera rivais. Depois, os fátuos têm a coragem de se cobrir de ridículo para agradar à mulher, e o coração dela está cheio de recompensas para o homem ridículo por amor. Enfim, um fátuo só pode ser fátuo se tem razões para o ser. São as mulheres que nos dão tal patente. O fátuo é o coronel do amor, tem as suas oportunidades, tem seu regimento de mulheres para comandar! Em Paris, meu caro, tudo se sabe, e um homem não pode ser aqui um fátuo *gratis*. Experimenta, tu que só tens uma mulher e que talvez tenhas razões para só teres uma, experimenta fazer-te fátuo... não te tornarás, na verdade, ridículo, suicidar-te-ás. Converter-te-

ias num boneco de carne e osso, num desses homens condenados inevitavelmente a fazer sempre uma só e mesma coisa. Passarias a significar *tolice*, tal como La Fayette significa América; Talleyrand, diplomacia; Désaugiers, canção; De Ségur, romança. Se eles saíssem do seu gênero, ninguém mais daria valor ao que fizessem. Eis como somos nós franceses, sempre soberanamente injustos! Talleyrand talvez possa ser um grande financista, La Fayette um tirano e Désaugiers um administrador. Poderias ter quarenta mulheres num ano, mas, publicamente, só te concederiam uma. Nestas condições, amigo Paulo, a fatuidade é o signo de um incontestável poder adquirido sobre o mundo feminino. Um homem amado por muitas mulheres passa por ter qualidades superiores; e então, todas quererão possuí-lo, o infeliz! Mas mesmo assim, pensas que nada valha o direito de chegar a um salão e de lá encarar toda a gente do alto de sua gravata ou através de um monóculo, e de poder desprezar o mais elevado dos homens se ele usar um colete fora de moda? Lourenço, tu me estás magoando! Depois do almoço, Paulo, iremos às Tuileries ver a adorável *menina dos olhos de ouro*.

Após excelente repasto, os dois jovens percorreram, apressados, o Terrasse des Feuillants e a grande Allée des Tuileries sem encontrar em parte alguma a sublime Paqueta Valdez, por causa de quem se encontravam ali cinquenta dos rapazes mais elegantes de Paris completamente almiscarados, rigorosamente engravatados, de botas e esporas e pinguelins, andando, rindo, falando e praguejando.

— Fomos logrados — observou Henrique —, mas me ocorre a mais luminosa ideia do mundo: a pequena recebe cartas de Londres; compramos ou embriagamos o carteiro, abrimos uma das cartas, naturalmente a lemos, juntamos-lhe um bilhete amoroso e a fechamos de novo. O velho tirano, *crudel tirano*, deve decerto conhecer a pessoa que escreve as cartas de Londres e não desconfiará.

No dia seguinte, De Marsay foi mais uma vez passear ao sol no Terrasse

dos Feuillants e lá viu Paquita. A paixão já a havia feito linda, para ele. Apaixonou-se seriamente por aqueles olhos cujos raios pareciam ser da natureza dos do sol e cujo ardor resumia o daquele corpo perfeito onde tudo era voluptuosidade. De Marsay sentia-se tentado a tocar o vestido da sedutora criaturinha ao defrontá-la no passeio; mas suas tentativas eram sempre vãs. Em certo momento, ao passar adiante da aia e de Paquita, para poder achar-se ao lado da *menina dos olhos de ouro* quando ele se voltasse, Paquita, não menos impaciente, avançou vivamente, sentindo De Marsay que ela lhe apertava a mão de modo ao mesmo tempo tão rápido e tão significativamente apaixonado, que pensou ter recebido o choque de uma faísca elétrica. Num instante todas as emoções da sua juventude lhe acudiram ao coração. Ao se contemplarem, Paquita pareceu envergonhada; baixou os olhos para não enfrentar os de Henrique, mas seu olhar deslizou para baixo a fim de ver os pés e o talhe daquele que as mulheres chamavam antes da revolução de *seu vencedor*.

— Tê-la-ei, decididamente, como amante — murmurou Henrique.

Seguindo-a até o fim do terraço, para o lado da Place Louis xv, avistou o velho marquês de San-Real apoiado ao braço de seu camareiro, a caminhar com todas as precauções de um gotoso e de um caquético. Dona Concha, que desconfiava de Henrique, fez com que Paquita se colocasse entre ela e o velho.

“Oh! tu”, pensou De Marsay, lançando um olhar de desprezo sobre a aia, “se não pudermos fazer-te capitular, com um pouco de ópio te faremos dormir. Conhecemos a mitologia e a fábula de Argos.”]

Antes de tomar o carro, a *menina dos olhos de ouro* trocou com o namorado alguns olhares cuja expressão nada tinha de duvidosa e pela qual Henrique sentiu-se arrebatado; a aia, porém, surpreendeu um deles e disse vivamente algumas palavras a Paquita, que se atirou no cupê com um ar de desespero.

Durante alguns dias, Paquita não apareceu nas Tuileries.

Lourenço, que, por ordem do patrão, passara a espionar os arredores do palácio, soube pelos vizinhos que nem as duas mulheres nem o velho marquês haviam saído desde o dia em que a aia surpreendera um olhar entre a jovem confiada à sua guarda e Henrique. O laço tão frágil que unia os dois enamorados se havia rompido.

Dias após, sem que ninguém imaginasse por que meios, De Marsay atingira o seu alvo. Conseguira um sinete e um lacre absolutamente iguais ao sinete e ao lacre que fechavam as cartas remetidas de Londres à srta. Valdez, um papel semelhante ao de que se servia o correspondente, e todos os utensílios e ferros necessários para apor-lhe os carimbos dos correios inglês e francês. Assim escrevera a seguinte carta, à qual dera todas as aparências das cartas vindas de Londres:

Querida Paqueta, não procurarei descrever-te, com palavras, a paixão que me inspiraste. Se por felicidade minha a partilhas, sabes agora que encontrei os meios de me corresponder contigo. Chamo-me Adolfo de Gouges e moro na Rue de l'Université, nº 54. Se te encontras muito vigiada para escrever-me, se não tens papel nem pena, saberei pelo teu silêncio. Assim, se amanhã, das oito da manhã até as dez da noite, não tiveres lançado uma carta por sobre o muro do teu jardim para o do barão de Nucingen, onde ela será esperada todo o dia, um homem que me é inteiramente devotado te passará por cima do muro, atados a um cordão, dois frasquinhos, às dez horas do dia seguinte. Nesse momento deves estar passeando pelo jardim. Um deles conterá ópio para fazer adormecer a tua Argos; bastará dar-lhe seis gotas. O outro conterá tinta. O vidro de tinta é entalhado e o outro liso. Ambos são suficientemente achatados para que possas escondê-los no carpete. Tudo o que tenho tentado para me corresponder contigo diz bem o quanto te amo. Se duvidas, asseguro-te que, para ver-te apenas uma hora, daria minha vida.

“E elas ainda creem nisto, as pobres criaturas!”, pensou De Marsay, “mas têm razão. Que pensaríamos de uma mulher que não se deixasse seduzir por uma carta de amor acompanhada de provas tão convincentes?”

A carta foi entregue pelo sr. Moinot, o carteiro, ao porteiro do Palácio San-Real, pelas oito horas do dia seguinte.

Para estar próximo do campo de batalha, De Marsay viera almoçar com

Paulo, que morava na Rue de la Pépinière. Às duas horas, no momento em que os dois amigos recordavam, a rir, o desastre de um jovem que pretendia levar uma vida elegante sem dispor de fortuna sólida e se perguntavam que fim teria ele, o cocheiro de Henrique veio procurar o patrão para apresentar-lhe um personagem misterioso que queria a viva força falar-lhe pessoalmente. Era um mulato, no qual Talma[210] se teria, decerto, inspirado para representar Otelo, se o tivesse encontrado. Jamais figura de africano exprimiu melhor a grandeza na vingança, a rapidez da suspeita, a imediata execução de um pensamento, a força do Mouro e a sua irreflexão de criança. Seus olhos negros tinham a fixidez dos olhos de uma ave de rapina e eram encastoados, como os de um abutre, numa membrana azulada desprovida de cílios. Sua frente, estreita e baixa, tinha algo de ameaçador. Evidentemente, o homem estava sob o jugo de um só e único pensamento. Seu braço nervoso não lhe pertencia. Seguia-o um homem que todas as imaginações, desde as que tremem de frio na Groenlândia até as que suam na Nova Inglaterra, definiriam por estas palavras: *Era um infeliz*. Com essa frase, como é fácil de adivinhar, seria representado segundo as ideias peculiares a cada região. Mas quem poderá imaginar-lhe o rosto branco, enrugado, vermelho nas extremidades, e suas longas barbas? Quem poderá ver-lhe a gravata amarelada em tiras, o colarinho ensebado, o chapéu deformado, a sobrecasaca esverdeada, as calças lamentáveis, o colete encarquilhado, o alfinete de ouro falso, as botinas enlameadas, cujos atadores haviam chafurdado no barro? Quem poderia compreendê-lo em toda a imensidade de sua miséria passada e atual? Quem? Só o parisiense. O infeliz de Paris é o infeliz completo, porque possui ainda momentos de alegria nos quais ele vê o quanto é desventurado. O mulato parecia um carrasco de Luís xi conduzindo um condenado à forca.

— Quem nos teria enviado esse dois velhacos? — disse Henrique.

— Puxa! Um deles me dá calafrios — retrucou Paulo.

— Quem és tu, tu que tens ares de ser o mais cristão dos dois? — perguntou Henrique encarando o tipo infeliz.

O mulato ficou de olhos cravados nos dois jovens, com o aspecto de quem nada entendia, mas que buscava adivinhar alguma coisa pelos gestos e movimentos dos lábios.

— Sou escrivão e intérprete público. Resido no Palais de Justice e me chamo Poincet.

— Bem! E esse aí? — perguntou Henrique a Poincet, apontando para o mulato.

— Não sei; só fala uma espécie de gíria espanhola e me trouxe aqui para poder entender-se com o senhor.

O mulato tirou do bolso a carta escrita a Paquita por Henrique e lha entregou; Henrique atirou-a ao fogo.

“Bem, a coisa começa a esclarecer-se”, pensou Henrique.

— Paulo, deixa-nos a sós um momento.

— Eu traduzi para ele essa carta — continuou o intérprete logo que ficaram sós. — Depois de traduzida, ele foi não sei aonde. Depois voltou para me conduzir aqui, prometendo-me dois luíses.

— Que tens a dizer-me, bárbaro? — perguntou Henrique.

— Não o chamei de bárbaro — disse o intérprete, enquanto esperava a resposta do mulato.

— Ele diz — tornou o intérprete depois de haver escutado o desconhecido — que o senhor deve encontrar-se amanhã à noite, às dez e meia, no Boulevard Montmartre, junto ao café. Lá estará um carro, ao qual subirá dizendo à pessoa que estará pronta a abrir-lhe a portinhola a palavra *cortejo*, palavra espanhola que quer dizer *amante* — concluiu Poincet deitando um olhar de felicitações a Henrique.

— Muito bem!

O mulato quis dar os dois luíses; mas De Marsay não o consentiu e gratificou o intérprete. Enquanto o fazia, o mulato proferiu algumas

palavras.

— Que diz ele?

— Previne-me — respondeu o homem infeliz — que, se eu cometer a menor indiscrição, me estrangulará. É um tipo amável; tem a aparência de ser bem capaz de cumprir a ameaça.

— Estou certo disso — respondeu Henrique. — Ele faria o que diz.

— Ele acrescenta — continuou o intérprete — que a pessoa que o envia suplica-lhe, pelo senhor e por ela, que guarde a maior prudência em seus atos, pois que os punhais erguidos sobre a sua cabeça e a dela lhes cairiam nos corações sem que poder algum no mundo o pudesse evitar.

— Disse isso! Melhor, será mais divertido. Mas podes entrar, Paulo! — gritou para o amigo.

O mulato, que não cessara de olhar o amante de Paquita Valdez com atenção magnética, saiu seguido do intérprete.

“Afinal, eis uma aventura bem romântica”, pensou Henrique no momento em que Paulo regressava. “À força de participar de algumas, acabei encontrando nesta Paris uma intriga acompanhada de circunstâncias graves e de sérios perigos. Ah! Diabo! Como o perigo torna a mulher ousada! Molestar uma mulher, querer constrangê-la, não é dar-lhe o direito e a coragem de transpor num momento barreiras que ela levaria anos a saltar? Criatura gentil, vamos, salta! Morrer? Pobrezinha! Punhais? Imaginação de mulher! Todas elas sentem necessidade de fazer valer sua pequena zombaria. Ademais, pensaremos nisso, Paquita! Pensaremos nisso, minha filha! O diabo me conduz. Agora que sei que essa bela criatura, essa obra-prima da natureza é minha, a aventura perde muito do seu sabor.”

Não obstante essas palavras levianas, o rapaz reaparecia em Henrique. Para esperar até o dia seguinte sem se atormentar, recorreu a prazeres exorbitantes: jogou, ceou com os amigos; bebeu desbragadamente, comeu como um alemão e ganhou dez ou doze mil francos. Saiu do Rocher de

Cancale às duas da madrugada, dormiu como uma criança, acordou fresco e rosado e vestiu-se para ir às Tuileries, pretendendo, depois de ver Paquita, montar a cavalo para abrir o apetite e jantar melhor, a fim de poder matar o tempo.

À hora marcada, Henrique foi ao bulevar, avistou o carro e deu a senha a um homem que lhe pareceu ser o mulato. Ao ouvi-la, o homem abriu a porta e desceu prontamente o estribo. Henrique foi tão rapidamente levado através de Paris e seus pensamentos lhe deixavam tão pequena possibilidade de prestar atenção às ruas pelas quais passava, que não ficou sabendo onde parou a carruagem. O mulato introduziu-o numa casa cuja escada se encontrava junto ao portão de entrada para carros. A escada era escura e também o patamar no qual Henrique teve de aguardar durante o tempo que o mulato levou a abrir a porta de um apartamento úmido, nauseabundo, sem luz, cujas peças, mal iluminadas pela vela que o guia encontrou na antecâmara, pareceram-lhe vazias e mal mobiliadas, como as de uma casa cujos habitantes se encontrassem viajando.

Teve de novo a sensação que lhe proporcionara a leitura de um dos romances de Ann Radcliffe, no qual o herói atravessa as salas frias, escuras e desabitadas de uma mansão triste e deserta.

O mulato abriu, por fim, a porta de uma sala. O estado dos velhos móveis e das cortinas desbotadas de que a peça era ornada fazia-a parecer uma sala de casa suspeita. Havia nela a mesma pretensão à elegância, o mesmo conjunto de coisas de mau gosto, de poeira e imundície. Num canapé coberto de veludo de Utrecht vermelho, junto a uma lareira fumegante, cujo fogo estava abafado nas cinzas, achava-se uma mulher idosa, malvestida, toucada com um desses turbantes que as inglesas sabem inventar ao chegarem a certa idade, e que teriam grande sucesso na China, onde o ideal de beleza dos artistas é a monstruosidade. A sala, a velha, a lareira fria, tudo teria gelado o amor, se Paquita lá não estivesse numa conversadeira, vestindo voluptuoso penhoar, livre para lançar seus olhares

de ouro e chamas, livre para mostrar o pé torneado, livre em seus movimentos luminosos.

Esse primeiro encontro foi o que costumam ser todos os primeiros encontros entre criaturas apaixonadas que rapidamente franquearam as distâncias e que se desejam ardentemente, sem, todavia, conhecer-se. Impossível, aliás, é que não se encontrem de início ligeiras discordâncias nessa situação, incômoda até o momento em que as almas se afinam no mesmo tom. Se o desejo comunica audácia ao homem e o dispõe a nada poupar, a amante, sob pena de não ser mulher, por maior que seja o seu amor, assusta-se de se ver tão prontamente chegada ao alvo pretendido e face a face com a necessidade de se dar o que, para muitas mulheres, equivale à queda num abismo, no fundo do qual não sabem o que irão encontrar. A frieza involuntária da mulher contrasta com a sua paixão declarada e reage necessariamente sobre o amante mais apaixonado. Tais ideias, que por vezes flutuam como vapores ao redor das almas, nelas determinam uma espécie de tontura passageira.

Na doce viagem que dois seres empreendem através das belas regiões do amor, esse momento é como uma charneca a atravessar, uma charneca sem urzes, alternativamente cálida e úmida, ora cheia de areias escaldantes, ora pontilhada de lagoas, e que conduz a ridentes bosques revestidos de rosas onde o amor e seu cortejo de prazeres se espalham sobre macios tapetes de grama. Frequentes vezes o homem espiritual apresenta um sorriso idiota que lhe serve de resposta a tudo; seu espírito acha-se como que entorpecido pela glacial compreensão de seus desejos. Não é, assim, impossível que dois seres igualmente belos, espirituais e apaixonados, falem primeiro dos lugares-comuns mais simplórios, até que o acaso, uma palavra, o tremor de certo olhar, a comunicação de uma faísca, lhes permita achar a transição feliz que os leva ao caminho florido onde não se anda, mas sim se rola, sem, contudo, descer.

Esse estado d'alma está sempre em função da violência dos sentimentos.

Dois seres que mal se amam nada sentem que com isso se pareça. O efeito de tal crise pode comparar-se ainda ao que produz um céu puro. A natureza parece à primeira vista coberta por um véu de gaze, o azul do firmamento parece negro, a extrema luz assemelha-se às trevas.

Em Henrique, como na espanhola, o amor manifestava-se com igual violência; e a lei da estática, segundo a qual duas forças idênticas se anulam quando se chocam, bem poderia ser também verdade no terreno moral. Além disso, o embaraço desse instante foi singularmente aumentado pela presença da velha múmia. O amor assusta-se ou rejubila-se com tudo; para ele tudo tem significação, tudo é presságio feliz ou funesto. Aquela mulher decrépita lá estava como um desenlace possível, e figurava a horrenda cauda de peixe pela qual os simbólicos gênios da Grécia terminavam as Quimeras e as Sereias, tão sedutoras, tão atraentes pelo busto, como o são todas as paixões no começo.

Embora Henrique fosse, não um espírito forte (essa expressão é sempre uma zombaria) mas um homem de extraordinário vigor, um homem tão grande quanto se possa ser sem fé, o conjunto de todas essas circunstâncias o impressionou. Os homens mais fortes são, aliás, os mais impressionáveis e, conseqüentemente, os mais supersticiosos, se é que se pode chamar de superstição à impressão do primeiro instante, que é, sem dúvida, percepção do resultado de causas ocultas a outros olhos, e imperceptíveis aos próprios.

A espanhola aproveitou esse momento de estupor para entregar-se ao êxtase dessa infinita adoração que avassala o coração de uma mulher, quando ama verdadeiramente e se encontra na presença de um ídolo longamente esperado. Seus olhos expressavam só alegria e felicidade, e expeliam clarões. Estava sob o encanto de uma felicidade há muito sonhada e dela se inebriava sem receio. Pareceu a Henrique tão maravilhosamente bela, que toda aquela fantasmagoria em farrapos, de velhice, de planejamentos vermelhos gastos, de capachos verdes diante

das poltronas, todo aquele ladrilho vermelho mal varrido, todo aquele luxo desbotado e indigente, tudo desapareceu imediatamente.

A sala iluminou-se. Ele não mais viu senão através de uma nuvem a terrível harpia, fixa, muda, sobre o canapé vermelho, cujos olhos amarelados traíam os sentimentos servis que a desgraça comunica ou que um vício causa quando se caiu sob a sua escravidão como nas garras de um tirano que nos embrutece sob as flagelações do seu despotismo. Seus olhos tinham o brilho frio dos de um tigre enjaulado que conhece sua impotência e se vê obrigado a sufocar seus desejos de destruição.

— Quem é essa mulher? — perguntou a Paquita.

Mas Paquita não respondeu. Fez sinal de que não entendia o francês e perguntou a Henrique se falava o inglês. De Marsay repetiu a pergunta em inglês.

— É a única mulher em que posso confiar, muito embora já me tenha vendido — disse Paquita tranquilamente. — Meu caro Adolfo, é minha mãe, uma escrava adquirida na Geórgia pela sua rara beleza, da qual pouco ou nada resta atualmente. Fala somente a sua língua materna.

A atitude daquela mulher e o seu desejo de adivinhar, pelos movimentos da filha e de Henrique, o que se passava entre eles, foram assim explicados ao jovem, e essa explicação o pôs à vontade.

— Paquita — disse-lhe —, não seremos então livres?

— Nunca! — exclamou ela com ar triste. — Temos mesmo poucos dias ao nosso dispor.

Baixou os olhos, olhou as mãos e começou com a direita a contar nos dedos da esquerda, mostrando assim as mais lindas mãos que Henrique jamais vira.

— Um, dois, três... — E contou até doze.

— Sim — disse —, temos doze dias.

— E depois?

— Depois... — respondeu ela absorta como uma fraca mulher diante do

machado do carrasco e morta, antes de receber o golpe, por um temor que a despojava daquela magnífica energia que a natureza só lhe parecia ter dado para aumentar as voluptuosidades e converter em infinitos poemas os prazeres mais grosseiros. — Depois... — repetiu; e seus olhos se tornaram fixos parecendo contemplar um objeto distante e ameaçador. — Não sei — concluiu.

“Está doida”, pensou Henrique, que recaiu também em estranhas reflexões.

Paquita parecia-lhe preocupada com qualquer coisa alheia a ele, como uma mulher dominada ao mesmo tempo pelo remorso e pela paixão. Talvez tivesse no coração outro amor, que ela ora lembrasse, ora esquecesse. Num instante Henrique viu-se assaltado por mil pensamentos contraditórios. Para ele, a jovem era um mistério; mas, contemplando-a com a sábia atenção do homem experiente, sequioso de novas volúpias, como aquele rei do Oriente que ordenava que lhe criassem um prazer novo, dominado por essa sede horrível que invade as grandes almas, Henrique reconhecia em Paquita a mais rica das organizações que a natureza já se comprazera em criar para o amor. O pressuposto movimento daquela máquina, posta de parte a alma, teria assustado qualquer outro que não De Marsay; ele, porém, ficou fascinado por aquela rica e promissora seara de prazeres, por aquela constante variedade na ventura, que é o sonho de todos os homens e que toda mulher amorosa também ambiciona.

Sentia-se enlouquecido pelo infinito tornado palpável e transportado aos mais altos gozos da criatura. Via tudo isso naquela mulher, mais distintamente do que até então, pois que ela se deixava contemplar complacentemente, feliz por se ver admirada. A admiração de De Marsay tornou-se secreta raiva, que ele revelou inteiramente lançando um olhar que a espanhola compreendeu como se estivesse habituada a receber outros semelhantes.

— Se não devesse ser unicamente minha, eu te mataria! — exclamou ele.

Ouvindo essas palavras, Paquita levou as mãos ao rosto e exclamou ingenuamente:

— Virgem Santa, onde me fui meter!

Levantou-se, dirigiu-se ao canapé vermelho, mergulhou a cabeça nos farrapos que cobriam o seio de sua mãe e chorou. A velha recebeu-a sem sair da sua imobilidade, sem um gesto. Possuía no mais alto grau essa gravidade das hordas selvagens, essa impassibilidade da estatuária ante a qual se malogra a observação. Amava, não amava a filha? Nenhuma resposta. Sob aquela máscara ocultavam-se todos os sentimentos humanos, bons e maus; tudo se poderia esperar daquela criatura. Seu olhar ia lentamente dos belos cabelos da filha, que a recobriam como uma mantilha, ao rosto de Henrique, que ela observava com inexprimível curiosidade. Parecia perguntar a si mesma por que espécie de sortilégio ele estava ali, por que capricho a natureza fizera um homem tão sedutor.

“Estas mulheres riem-se de mim!”, pensou Henrique.

Nesse momento Paquita levantou a cabeça e deitou-lhe um desses olhares que penetram até a alma e a abrasam. E pareceu-lhe tão bela que jurou possuir aquele tesouro de beleza.

— Paquita querida, sê minha!

— Queres matar-me? — respondeu ela medrosa, palpitante, inquieta, mas impelida para ele por uma força inexplicável.

— Matar-te, eu?! — disse ele, sorrindo.

Paquita lançou um grito de susto e disse algo à velha que, tomando com autoridade a mão de Henrique e depois a da filha, olhou-os algum tempo e largou-as meneando a cabeça de modo significativo.

— Sê minha esta noite, agora, vem, não me deixes, eu a quero, Paquita! Não me amas? Vem!

Num segundo disse-lhe mil palavras insensatas com a rapidez duma

torrente que cascadeia entre rochedos e repete o mesmo som de mil formas diferentes.

— É a mesma voz! — disse Paquita melancolicamente, sem que De Marsay pudesse ouvi-la — e... o mesmo ardor. Pois sim! — respondeu ela com um abandono apaixonado que ninguém poderia exprimir. — Sim, mas não esta noite. Esta noite, Adolfo, dei pouco ópio à Concha, ela poderia acordar e eu estaria perdida. Todos pensam que a esta hora eu esteja a dormir em meu quarto. Daqui a dois dias, vai ao mesmo lugar e dize a mesma palavra ao mesmo homem. É o marido da minha ama de leite, Cristêmio, que me adora e é capaz de morrer por mim, torturado, sem que lhe arranquem uma única palavra contra mim. Adeus — concluiu abraçando Henrique e enroscando-se nele como uma serpente.

Apertou-o todo ao mesmo tempo e, levantando a cabeça até a dele, ofereceu-lhe os lábios num beijo que deu tais vertigens a ambos que De Marsay imaginou que a terra se abria a seus pés e Paquita gritou:

— Vai! — com uma voz que denunciava quão pouco se sentia senhora de si. Mas dominando-se e sempre a dizer-lhe “vai!” conduziu-o lentamente até a escada.

Lá, o mulato cujos olhos brancos se iluminaram à vista de Paquita tomou o candelabro das mãos de seu ídolo e conduziu Henrique até a rua. Depôs o candelabro num nicho, abriu a portinhola, fez Henrique subir à carruagem e o conduziu ao Boulevard des Italiens com maravilhosa rapidez. Os cavalos pareciam ter o diabo no corpo.

Essa cena foi como um sonho para De Marsay, mas um desses sonhos que, ao se dissiparem, deixam n'alma um sentimento de volúpia sobrenatural, atrás da qual um homem corre pelo resto de sua vida. Um único beijo fora o suficiente. Encontro algum se teria passado de modo mais conveniente, nem mais casto nem mais frio talvez, em lugar de arranjo mais horroroso, diante de divindade mais pavorosa; porque aquela mãe ficara na imaginação de Henrique como algo de infernal, de

baixo, de fúnebre, de vicioso, de selvagemmente feroz, que a fantasia dos pintores e dos poetas não conseguira até então adivinhar.

De fato, jamais um encontro lhe excitara tanto os sentidos, lhe revelara voluptuosidades mais completas, ou fizera brotar com mais ímpeto o amor de seu coração para espalhar-se como uma atmosfera especial em torno de um homem. Foi qualquer coisa de sombrio, de misterioso, de doce, de terno, de constrangedor e de expansivo, um misto de horrível e de celestial, de paraíso e de inferno, que inebriou De Marsay. Não se sentia mais ele próprio, embora fosse assaz forte para resistir à embriaguez do prazer.

Para compreender-se bem a sua conduta no desenrolar desta história, é necessário explicar como sua alma era elevada na idade em que os jovens se amesquinham misturando-se às mulheres ou delas ocupando-se demais. Ele fizera-se superior pelo concurso de circunstâncias secretas que o investiam de um imenso poder desconhecido. Aquele rapaz tinha nas mãos um cetro mais poderoso que o dos reis modernos, quase todos limitados pelas leis em suas menores vontades.

De Marsay possuía o poder autocrático do déspota oriental. Mas esse poder, tão estupidamente exercido na Ásia por homens embrutecidos, era requintado pela inteligência europeia, pelo espírito francês, o mais vivo, o mais acerado dos instrumentos intelectuais. Henrique podia tudo o que queria no interesse de seus prazeres e vaidades. Uma invisível ação sobre o mundo social revestira-o de uma majestade real, mas secreta, sem ênfase e dobrada sobre si mesma. Tinha a seu respeito não a opinião que Luís XIV pudesse ter de si, mas a que o mais orgulhoso dos califas, dos faraós, dos Xerxes que se acreditavam divinos tinham deles próprios ao imitarem Deus, ocultando-se dos seus súditos sob o pretexto de que seu olhar causava a morte.

Assim, sem sentir remorso algum por ser ao mesmo tempo juiz e réu, De Marsay condenava friamente à morte o homem ou a mulher que o

ofendesse seriamente. E, ainda que muitas vezes a sentença fosse proferida levemente, a condenação era irrevogável. Um erro era uma infelicidade semelhante àquela que causa o raio caindo sobre uma parisiense feliz no interior de um carro, em vez de fulminar o velho cocheiro que a leva a uma entrevista.

A chocarrice amarga e profunda que caracterizava a conversação do jovem causava, também, geralmente, calafrios; ninguém sentia desejos de a provocar. As mulheres amam prodigiosamente os homens que se chamam a si próprios paxás, que parecem fazer-se acompanhar de leões e de carrascos, e marcham cercados de um aparato de terror. Daí resulta para tais homens uma segurança de ação, uma certeza de poder, uma altivez de olhar, uma consciência leonina que resume para as mulheres o tipo de força com que todas sonham. Assim era De Marsay.

Confiando, naquele momento, em seu futuro, tornou-se mais jovem e flexível e só pensava em amar ao deitar-se. Sonhou com a *menina dos olhos de ouro*, como sonham os moços apaixonados. Eram imagens monstruosas, bizarras indescritíveis, cheias de luz, a revelarem mundos invisíveis, mas de modo sempre incompleto, porque um véu interposto mudava as condições de óptica. Nos dois dias que se seguiram, desapareceu sem que se pudesse saber para onde fora. Sua força só lhe pertencia em determinadas condições e, felizmente para ele, durante esses dois dias, foi simples soldado a serviço do demônio que alimentava sua talismânica existência. Mas, à hora marcada, de noite, aguardou no bulevar a carruagem, que não se fez esperar. O mulato aproximou-se de Henrique para dizer-lhe em francês uma frase que parecia haver decorado:

— Ela me disse que se o senhor quiser ir deve deixar-se vendar os olhos.

E Cristêmio mostrou um lenço de seda branca.

— Não! — disse Henrique, cuja altivez se revoltou imediatamente.

E quis subir. O mulato fez um sinal; a carruagem partiu.

— Sim! — exclamou De Marsay, furioso, na iminência de perder uma

ventura sonhada. Via, aliás, a impossibilidade de entrar em acordo com um escravo cuja obediência era tão cega como a de um carrasco. Ademais, não era sobre aquele instrumento passivo que deveria cair sua cólera.

O mulato assobiou; a carruagem deu volta. Henrique subiu precipitadamente. Já alguns curiosos se acotovelavam parvamente no bulevar. Henrique era forte e quis lograr o mulato. Assim que o carro partiu a trote largo, agarrou-lhe as mãos para dominá-lo e poder conservar o exercício de suas faculdades a fim de saber para onde ia. Tentativa inútil. Os olhos do mulato cintilaram na sombra. O homem lançou gritos que o furor fazia expirar em sua garganta, desembaraçou-se, repeliu De Marsay com mão de ferro e o pregou, por assim dizer, no fundo da carruagem; depois, com a mão livre, sacou de um punhal triangular e assobiou. O cocheiro ouviu-o e parou. Henrique estava desarmado e teve de render-se: estendeu a cabeça para o lenço. Esse gesto de submissão apaziguou Cristêmio, que lhe vendou os olhos com um respeito e um cuidado que testemunhavam certa veneração pelo homem amado de seu ídolo. Mas, antes de fazê-lo, havia escondido o punhal, desconfiado, no bolso do lado oposto e se abotoara até o pescoço.

“Esse bárbaro me mataria”, pensou De Marsay.

A carruagem rodou de novo rapidamente. Restava um recurso para quem conhecia tão bem Paris, como Henrique. Para saber aonde ia, bastava recolher-se e contar, pelo número de calhas atravessadas, as ruas transversais dos bulevares enquanto andassem em linha reta. Poderia assim reconhecer por qual rua lateral tomaria o carro, quer para o lado do Sena, quer para as alturas de Montmartre, e adivinhar o nome ou a situação do lugar onde o guia o fizesse descer. Mas a emoção violenta que lhe causara a luta, o furor em que o punha sua dignidade comprometida, as ideias de vingança a que se entregava, as suposições que lhe sugeria o cuidado minucioso tomado pela misteriosa moça para o fazer chegar a ela, tudo o impediu de exercitar essa atenção de cego necessária à

concentração de sua inteligência e à perfeita perspicácia da memória. O trajeto durou uma meia hora. Quando o carro parou, não se encontrava mais sobre o calçamento. O mulato e o cocheiro tomaram Henrique pelos braços e o conduziram a uma espécie de padiola, em que o transportaram através de um jardim, onde sentiu o aroma das flores e o odor peculiar às árvores e à vegetação. O silêncio que ali reinava era tão profundo que se podia ouvir o ruído que faziam algumas gotas d'água caindo das folhas úmidas. Os dois homens levaram-no por uma escada, fizeram-no levantar-se, conduziram-no através de várias peças, guiando-o pela mão, e deixaram-no num quarto de atmosfera perfumada, onde sentiu sob os pés um tapete espesso. Uma mão de mulher fê-lo sentar num divã e tirou-lhe a venda. Henrique viu Paqueta diante dele, mas Paqueta em seu esplendor de mulher voluptuosa.

Metade do toucador em que Henrique se encontrava descrevia uma linha circular graciosíssima, em contraposição à outra parte perfeitamente quadrangular, em meio da qual brilhava uma lareira de mármore branco e ouro. Ele havia entrado por uma porta lateral escondida sob um fino reposteiro e que fazia face a uma janela. A parte em ferradura estava ornada com um verdadeiro divã turco, vale dizer, uma almofada posta sobre o assoalho, mas uma almofada do tamanho de um leito, um divã de cinquenta pés de perímetro, acolchado de casimira branca, com fofos em seda negra e vermelho-papoula, dispostos em losangos. O espaldar desse imenso leito elevava-se de várias polegadas sobre as numerosas almofadas que o faziam ainda mais rico pelo gosto de seus enfeites.

O toucador era forrado de estofado vermelho sobre o qual fora disposta musselina da Índia, estriada como uma coluna coríntia, por listras ora côncavas, ora convexas, que terminavam em cima e embaixo em barras de estofado cor de papoula sobre o qual se desenhavam arabescos em negro. Sob a musselina, o vermelho tornava-se rosa, cor amorosa, que as cortinas

da janela repetiam, pois eram de musselina da Índia forrada de tafetá cor-de-rosa e ornadas de franjas vermelhas e negras. Seis braços de prata dourada, cada um com dois castiçais, estavam colocados sobre a tapeçaria, a distâncias iguais, para iluminar o divã. O teto, do centro do qual pendia um lustre de prata fosca, esplendia de brancura e sua cornija era dourada. O tapete parecia um xale do Oriente, cheio de desenhos, e lembrava poesias da Pérsia, onde mãos de escravas o tinham trabalhado. Os móveis eram forrados de casimira branca, realçada por iguais enfeites negros e cor de papoula. A pêndula, os candelabros, tudo era de mármore branco e ouro. A única mesa que ali havia tinha como toalha um pano de casimira. Elegantes jardineiras continham rosas de todas as espécies, flores brancas e vermelhas. Enfim, os menores detalhes pareciam ter sido alvo de um cuidado carinhoso. Jamais a riqueza se escondera mais garridamente para se fazer elegância, para exprimir graça, para inspirar volúpia. Tudo ali era de aquecer o ente mais frígido. Os reflexos cambiantes da tapeçaria, cuja cor variava segundo a direção do olhar, tornando-se totalmente branca ou totalmente rosa, concordavam com os enfeites de luz que se produziam nas diáfanas pregas da musselina dando-lhe aparências sombrias.

A alma sente não sei que atração pelo branco, o amor gosta do vermelho e o ouro lisonjeia as paixões, pois tem o poder de realizar as suas fantasias. Desse modo, tudo o que o homem possui de vago e misterioso em si mesmo, todas as suas afinidades inexplicadas ali se encontravam afagadas em suas simpatias involuntárias. Havia naquela harmonia perfeita um concerto de cores que se refletiam n'alma por ideias voluptuosas, indecisas, flutuantes.

Foi em meio a uma vaporosa atmosfera, carregada de esquisitos perfumes, que Paquita, envolta num penhoar branco, com os pés descalços e flores de laranjeira em seus cabelos negros, apareceu a Henrique, ajoelhada diante dele, adorando-o como o deus daquele templo

em que se dignara aparecer. Embora De Marsay estivesse habituado aos requintes do luxo parisiense, sentiu-se surpreendido ante aquela concha semelhante àquela em que nasceu Vênus. Fosse efeito do contraste entre as trevas de que saía e a luz que lhe iluminava a alma, fosse por uma comparação rapidamente feita entre aquela cena e a da primeira entrevista, experimentou uma dessas sensações delicadas que nos comunicam a verdadeira poesia.

Ao perceber, no centro daquele retiro criado pela vara de condão de uma fada, a obra-prima da criação, aquela criatura cuja tez de tons cálidos, cuja pele macia e ligeiramente dourada pelos reflexos vermelhos e pela efusão de não sei que fluido de amor, brilhava como se refletisse os raios das luzes e das cores, sua cólera, seus desejos de vingança, sua vaidade ferida, tudo desapareceu. Como uma águia que cai sobre a presa, ele a tomou no colo, fê-la sentar-se em seus joelhos, e sentiu com indizível embriaguez o voluptuoso contato da jovem, cujas belezas livremente expandidas o envolveram docemente.

— Vem! Paquita! — murmurou.

— Fala! fala sem temor — disse-lhe ela. — Este recanto foi construído para o amor. Nenhum som dele se escapa, tanto nele se quis ambiciosamente guardar os acentos e a música da voz amada. Por fortes que sejam os gritos, não seriam ouvidos do outro lado destes muros. Poder-se-ia aqui assassinar alguém; suas queixas seriam tão vãs como se estivesse no centro do Grande Deserto.

— Quem assim compreendeu tão bem o ciúme e as suas necessidades?

— Não me pergunte nada a respeito — contestou ela desfazendo com incrível meiguice a gravata do jovem, sem dúvida para ver-lhe melhor o pescoço. — Sim, eis este pescoço de que tanto gosto! — disse ela. — Queres ser-me agradável?

Essa pergunta, que o tom fazia quase lasciva, tirou De Marsay do devaneio em que o mergulhara a despótica resposta pela qual Paquita lhe

interditara qualquer indagação referente ao ser desconhecido que pairava como uma sombra por sobre eles.

— E se eu quisesse saber quem reina aqui?

Paquita encarou-o, trememente.

— Não sou eu, então — disse ele levantando-se e se desembaraçando da moça, que caiu para trás. — Quero ser o único, onde estou!

— Isto é surpreendente! — exclamou a pobre escrava, amedrontada.

— Por quem me tomas? Responde!

Paquita levantou-se vagarosamente, com os olhos lacrimosos, foi buscar num dos móveis de ébano um punhal e ofereceu-o a Henrique com um gesto de submissão que teria enternecido um tigre.

— Dá-me um prazer como o que sabem os homens dar quando amam — disse ela —, e, quando eu adormecer, mata-me, pois não sei responder-te. Escuta: vivo atada como um pobre animal no cabresto; estou admirada de ter podido lançar uma ponte sobre o abismo que nos separa. Inebria-me, e depois me mata. Oh! não, não — exclamou juntando as mãos —, não me mates! Gosto da vida! A vida é tão bela para mim! Se sou escrava, sou também rainha. Poderia iludir-te com palavras, dizer-te que só amo a ti, prová-lo, aproveitar meu domínio momentâneo para dizer-te: Toma-me como se aspirasses o perfume de uma flor no jardim de um rei. Depois, após ter posto em cena a eloquência astuta da mulher e aberto as asas do prazer, depois de ter saciado minha sede, poderia fazer-te lançar num poço onde ninguém te pudesse encontrar, construído expressamente para satisfazer a vingança sem temor ao castigo da justiça, um poço cheio de cal que queimaria para te consumir sem que restasse uma só partícula de teu ser. Ficarias no meu coração, serias meu para sempre.

Henrique encarou a jovem sem tremer, e esse olhar sem medo a encheu de alegria.

— Não! não o faria! Tu não caíste aqui numa armadilha, mas num coração de mulher que te adora; e eu é que serei lançada no poço.

— Tudo isto me parece prodigiosamente tolo — disse-lhe De Marsay, examinando-a. — Mas pareces-me uma boa criatura, uma natureza esquisita; és, palavra de honra, uma charada viva cuja solução julgo difícil achar.

Paquita nada entendeu do que dizia o jovem; fitou-o docemente com olhos que jamais poderiam ser tolos, tanta era a volúpia que neles se estampava.

— Escuta, meu amor — disse ela voltando à sua primeira ideia —, queres dar-me um prazer?

— Farei tudo o que quiseres e até o que não quiseres — respondeu rindo De Marsay, que reencontrara sua desenvoltura enquanto tomava a resolução de se entregar ao sabor de sua aventura sem olhar para trás ou para a frente. Talvez contasse com sua força e com sua habilidade de homem feliz no amor para dominar, horas mais tarde, aquela mulher e conhecer-lhe todos os segredos.

— Então — prosseguiu ela —, deixa-me arranjar-te a meu gosto.

— Põe-me, pois, ao teu gosto — consentiu Henrique.

Paquita, contente, foi buscar num dos móveis um roupão de veludo vermelho, que vestiu em Henrique, pondo-lhe em seguida uma touca de mulher e envolvendo-o com um xale. Entregando-se a tais loucuras, executadas com uma inocência de criança, ela ria com um riso convulsivo e parecia um pássaro batendo as asas; mas não via nada além da brincadeira.

Se é impossível pintar as delícias inéditas que experimentaram aquelas duas belas criaturas feitas pelo céu num momento de alegria, talvez seja conveniente traduzir metafisicamente as impressões extraordinárias, quase fantásticas, do rapaz. O que as pessoas que se encontram na situação social em que estava De Marsay e que vivem como ele vivia melhor sabem reconhecer é a inocência de uma jovem. Mas, coisa estranha!, se a *menina dos olhos de ouro* era virgem, não era, decerto,

inocente. A união tão bizarra do misterioso e do real, da sombra e da luz, do horrível e do belo, do prazer e do perigo, do paraíso e do inferno, que já se encontrava naquela aventura, continuava no ser caprichoso e sublime de que De Marsay desfrutava. Tudo o que a volúpia mais refinada tem de mais sábio, tudo aquilo que Henrique conhecia dessa poesia dos sentidos a que chamamos amor foi ultrapassado pelos tesouros que revelou aquela criatura, cujos olhos tentadores não mentiram a nenhuma das promessas que faziam.

Foi um poema oriental em que brilhava o sol com que Saadi e Hafiz iluminaram suas alegres estrofes. Todavia, nem o ritmo de Saadi nem o de Píndaro poderiam exprimir o êxtase cheio de confusão e o espanto de que ficou possuída aquela deliciosa criatura ao cessar o erro em que uma mão de ferro a fizera viver.

— Morta! — murmurou ela —, estou morta! Adolfo, leva-me para os confins da terra, para uma ilha onde ninguém nos possa achar. Que nossa fuga não deixe traços! Seríamos seguidos até o inferno. Deus! Já é dia. Foge! Tornarei a ver-te? Sim, amanhã, quero rever-te, ainda que para conquistar essa felicidade tivesse de matar todos os que me vigiam. Até amanhã.

Apertou-o nos braços num amplexo em que havia o terror da morte. Tocou a seguir um botão que devia corresponder a uma campainha e suplicou a De Marsay que se deixasse vender os olhos.

— E se eu não consentisse, se quisesse ficar aqui?

— Causarias mais depressa a minha morte — disse ela —, pois que agora tenho certeza de que vou morrer por ti.

Henrique submeteu-se. Encontra-se no homem que acaba de se fartar do gozo uma tendência ao esquecimento, não sei que ingratidão, um desejo de liberdade, uma vontade de espairecer, um quê de desprezo e quiçá de repugnância por seu ídolo; enfim, inexplicáveis sentimentos que o tornam ignóbil e infame. A certeza dessa afecção confusa, mas real nas almas não

iluminadas pela luz celestial nem perfumadas pelo bálsamo santo de que nos vem a pertinácia do sentimento, foi que ditou a Rousseau, sem dúvida, as aventuras de milorde Eduardo pelas quais concluem as cartas da *Nova Heloísa*. Mas, se Rousseau buscou inspiração evidentemente na obra de Richardson, dela se afastou por mil detalhes que tornam seu monumento original; recomendou-o à posteridade por grandes ideias que são difíceis de decantar, pela análise, quando, na juventude, se lê esse livro com o desígnio de nele encontrar a cálida pintura do mais físico de nossos sentimentos, enquanto os escritores sérios e filósofos só empregam as suas imagens como consequência ou exigência de um vasto pensamento; e as aventuras de milorde Eduardo constituem uma das ideias mais europeicamente delicadas dessa obra.

Henrique encontrava-se, pois, sob o império desse confuso sentimento que o verdadeiro amor desconhece. Faltavam-lhe de certa maneira a persuasiva segurança das comparações e o atrativo irresistível das lembranças para o ligar a uma mulher. O verdadeiro amor reina, sobretudo, pela memória. A mulher que se não gravou na alma nem pelo excesso do prazer nem pela força do sentimento poderá ser alguma vez amada? Sem que Henrique tivesse consciência disso, Paquita nele penetrara por esses dois meios. Mas, naquele momento, todo entregue à fadiga da ventura, essa deliciosa melancolia do corpo, ele não podia analisar o próprio coração fazendo voltar aos lábios o gosto das mais vivas voluptuosidades que até então experimentara.

Viu-se no Boulevard Montmartre ao amanhecer, encarou estupidamente a carruagem que se afastava e, tirando dois charutos do bolso, acendeu um na lanterna de uma mulher que vendia aguardente e café aos trabalhadores, aos vendedores de jornais, aos carregadores, a toda essa população de Paris que começa a vida antes do dia; depois afastou-se, a fumar o seu charuto, de mãos nos bolsos da calça, com uma despreocupação verdadeiramente desonrosa.

“Que coisa boa é um charuto! Uma coisa de que o homem jamais se fatigará”, disse de si para si.

Naquela *menina dos olhos de ouro* que apaixonava na época toda a juventude elegante de Paris, mal pensava! A ideia da morte expressa através do prazer, e cujo temor fizera por várias vezes empalidecer a fronte daquela bela criatura, que provinha das huris da Ásia por parte de mãe e se ligava à Europa pela educação e aos trópicos pelo nascimento, parecia-lhe um desses embustes mediante os quais todas as mulheres procuram tornar-se interessantes.

— Ela é de Havana, do país mais espanhol do Novo Mundo, e achou melhor fingir terror que me lançar em rosto o sofrimento, a dificuldade, a coqueteria ou o dever, como fazem as parisienses. Pelos seus olhos de ouro! Como tenho vontade de dormir...

Viu um cabriolé de praça estacionado na esquina do Frascati, à espera de alguns jogadores, chamou-o, fez-se conduzir a casa, deitou-se e dormiu o sono dos patifes, o qual, por um capricho de que nenhum cançonetista tirou ainda partido, é tão profundo como o dos justos, talvez por efeito do axioma proverbial *os extremos se tocam*.

III — A FORÇA DO SANGUE

Pelo meio-dia De Marsay estirou os braços, despertando, e sentiu os sintomas de uma dessas fomes caninas que todos os velhos soldados se lembram de ter experimentado no dia seguinte ao da vitória. Por isso, foi com alegria que viu diante dele Paulo de Manerville, pois nada então é mais agradável do que almoçar acompanhado.

— E então? — disse-lhe o amigo. — Todos imaginávamos que estavas encerrado há dez dias com a *menina dos olhos de ouro*.

— A *menina dos olhos de ouro*! nem penso mais nela. Meu Deus! Tenho outras coisas em que pensar.

— Ah! finges-te discreto.

— Por que não? — replicou rindo De Marsay. — Meu caro, a discrição é o mais hábil dos cálculos. Escuta... mas, não; não te direi nada. Nunca me ensinas coisa alguma e não estou disposto a dar em pura perda os tesouros da minha política. A vida é um rio que nos serve para fazer comércio. Por tudo o que há de mais sagrado na terra, pelos charutos, não sou professor de economia social colocada ao alcance dos simplórios. Almoçemos. Custa-me menos dar-te uma omeleta de atum que te prodigalizar meu cérebro.

— Não confias nos teus amigos?

— Meu caro — tornou Henrique, que raramente se privava de uma ironia —, como pode acontecer à ti como a qualquer outro ter necessidade de discrição, e como eu gosto muito de ti... Sim, gosto de ti! Palavra de honra, se para não estourares os miolos fosse preciso uma nota de mil francos, encontrá-la-ias aqui, pois que ainda nada hipotecamos, hem, Paulo? Se duelasses amanhã, eu mediria a distância e carregaria as pistolas para que fosses morto conforme as regras. Enfim, se alguém que não eu ousasse falar mal de ti na tua ausência, teria que medir-se com o rude cavalheiro que se encontra sob a minha pele. Eis o que eu chamo de uma amizade a toda prova. Pois bem! para quando tiveres necessidade de discrição, meu rapaz, fica sabendo, que há duas espécies de discrição: discrição ativa e discrição negativa. A discrição negativa é a dos tolos que usam o silêncio, a negação, o ar fechado, a discrição das portas cerradas, verdadeira impotência! A discrição ativa procede por afirmação. Se esta noite, no clube, eu dissesse: “Francamente, a *menina dos olhos de ouro* não valia o que me custou!”, todo o mundo, mal eu saísse, exclamaria: “Ouviram esse pretensioso De Marsay a nos querer impingir que já possuiu a *menina dos olhos de ouro*?”. Queria assim desembaraçar-se dos rivais, e não deixa de ser hábil. Mas esse estratagema é vulgar e perigoso. Por grande que seja a tolice que nos escapa, há sempre idiotas capazes de a engolir. A melhor

das discrições é a de que usam as mulheres astutas quando querem lograr aos maridos. Consiste em comprometer uma mulher a quem não ligamos, ou a quem não amamos, ou a quem não possuímos, para conservar a reputação daquela que amamos o bastante para respeitá-la. É o que eu chamo de *mulher para despistar*. — Ah! aí está Lourenço. Que nos trazes?

— Ostras de Ostende, senhor conde...

— Hás de saber um dia, Paulo, como é divertido iludir a sociedade ocultando-lhe o segredo de nossas afeições. Experimento um prazer imenso em fugir à jurisdição da massa, que jamais sabe nem o que quer nem o que a fazem querer, que toma os meios pelos resultados, que ora ama e ora maldiz, ora constrói e ora arrasa! Que prazer impor-lhe emoções e não as receber dela, dominá-la, não lhe obedecer jamais! Se nos podemos orgulhar de alguma coisa, não será de um poder adquirido por nós mesmos, do qual somos, a um tempo, a causa e o efeito, o princípio e o resultado? Pois bem! homem algum sabe a quem amo nem o que quero. Talvez saibam a quem amei e o que quis, como se sabe dos dramas que aconteceram; mas deixar perceber o meu jogo?... franqueza, burla. Não sei de nada mais miserável que a força iludida pela esperteza. Inicio-me, a rir, no mister de embaixador, se todavia a diplomacia é tão difícil como a vida. Tens ambições? Queres chegar a ser alguma coisa?

— Mas, Henrique, zombas de mim, como se eu não fosse bastante medíocre para tudo alcançar.

— Bem, Paulo! Se continuas a rir de ti mesmo, poderás em breve rir de todo o mundo.

Almoçando, De Marsay começou, no momento de acender o charuto, a ver os acontecimentos da noite sob uma luz singular. Como muitas das grandes inteligências, sua perspicácia não era espontânea, não penetrava de imediato no fundo das coisas. Como em todas as naturezas dotadas da faculdade de viver muito no presente, de lhe espremer, por assim dizer, o suco e o tragar, sua vidência tinha necessidade de uma espécie de sono

para chegar às causas. O cardeal de Richelieu era assim, o que não excluía nele o dom da previsão necessária à concepção das grandes coisas.

De Marsay encontrava-se em todas essas condições, mas não usou de início suas armas senão para seu deleite e só se tornou um dos políticos mais profundos dos tempos atuais quando se sentiu saturado dos prazeres que constituem a primeira preocupação dos jovens, quando possuem dinheiro e poder. O homem se galvaniza desse modo: usa a mulher para que a mulher não o possa usar.

Nesse momento, pois, De Marsay percebeu que fora um joguete para a *menina dos olhos de ouro*, ao passar em revista aquela noite cujas delícias haviam manado gradualmente para acabarem por se despenhar em torrentes. Pôde então ler aquela página de efeito tão brilhante e adivinhar-lhe o sentido oculto.

A inocência puramente física de Paquita, a sua surpreendente alegria, algumas palavras antes obscuras e agora claras, escapadas em meio à sua satisfação, tudo lhe provava que ele havia feito as vezes de uma outra pessoa. Como nenhuma das corrupções sociais lhe era desconhecida e como professava a respeito de todos os caprichos perfeita indiferença, julgando-os justificados por isso mesmo que podiam ser satisfeitos, ele não se exasperou com o vício, que conhecia como se conhece a um amigo, mas sentiu-se chocado por lhe ter servido de pasto. Se suas suposições eram verdadeiras, fora ultrajado no mais íntimo do ser. Esta única suspeita despertou-lhe o furor; soltou o rugido de um tigre de que uma gazela tivesse zombado, o urro de um tigre que reunia à força da besta a inteligência de um demônio.

— Ufa! que tens? — perguntou Paulo.

— Nada!

— É? Pois eu não queria que, se te perguntassem se tens algo contra mim, respondesses com semelhante *nada*. Teríamos de nos bater no dia seguinte.

— Não me bato mais — observou De Marsay.

— Isto me parece ainda mais trágico. Assassinas, então?

— Estás a trocar as palavras. Eu executo.

— Meu caro amigo, tuas caçadas se apresentam de cores carregadas, esta manhã.

— Que queres? A volúpia conduz à ferocidade. Por quê? Não sei e não sou bastante curioso para procurar-lhe a causa. Estes charutos são excelentes. Dá um pouco de chá ao teu amigo. Sabes, Paulo, que levo uma vida de bruto? Já era tempo de eu escolher um destino, de empregar minhas forças em qualquer coisa que valesse a pena de viver. A vida é uma comédia singular. Assusto-me e rio da inconsequência de nossa ordem social. O governo faz cortar a cabeça de pobres-diabos que matam um homem, e dá diploma a pessoas que expedem, medicamente falando, uma dúzia de criaturas moças em cada inverno. A moral não tem poder contra uma dúzia de vícios que destroem a sociedade e que ninguém pode punir. Mais uma taça? Palavra de honra! O homem é um bufão a dançar sobre um precipício. Falam-nos da imoralidade de *As relações perigosas* e de não sei que outro livro que tem um nome de criada de quarto; mas existe um livro horrível, sujo, espantoso, corruptor, sempre aberto, que nunca se fechará, o grande livro da sociedade, sem contar outro livro mil vezes mais perigoso, que se compõe de tudo que se murmura ao ouvido, entre homens, ou sob o leque, entre mulheres, nos salões de baile.

— Henrique, passa-se, decerto, em ti alguma coisa extraordinária, e isso se vê apesar da tua discrição ativa.

— Sim! Confesso que sinto necessidade de matar o tempo até a noite. Vamos ao jogo. Talvez eu tenha a sorte de perder.

De Marsay levantou-se, tomou um punhado de notas que enrolou na charuteira, vestiu-se e aproveitou a carruagem de Paulo para ir ao Salon des Étrangers, onde, até o jantar, consumiu o tempo nessas emocionantes

alternativas de perdas e ganhos que são o último recurso das fortes organizações quando constrangidas a agir no vácuo.

À noite compareceu ao lugar marcado e deixou complacientemente que lhe vendassem os olhos. Depois, com a firme vontade que só os homens verdadeiramente fortes têm a faculdade de concentrar, prestou atenção e aplicou a inteligência para adivinhar por que ruas passava o carro. Obteve uma espécie de intuição de haver sido conduzido à Rue Saint-Lazare e de ter parado no portão do jardim do Palais San-Real. Quando atravessou, como da primeira vez, o portão, e quando foi posto na padiola, levada, sem dúvida, pelo mulato e pelo cocheiro, compreendeu, ouvindo ranger a areia sob os passos deles, por que tomavam precauções tão minuciosas. Poderia, se estivesse livre, ou se caminhasse, colher um ramo de arbusto, verificar a natureza da areia que lhe ficasse presa às botas; enquanto, transportado por assim dizer pelo ar a um castelo inacessível, sua ventura continuaria a ser o que fora até então, um sonho. Mas, para desespero do homem, nada pode ele realizar, senão imperfeitamente, seja para o bem, seja para o mal. Todas as suas obras intelectuais ou físicas são marcadas por um cunho de destruição.

Caíra uma leve chuva, a terra estava úmida. Durante a noite certos odores vegetais são bem mais fortes que durante o dia. Henrique sentiu assim perfume de resedá ao longo da aleia pela qual era levado. Esse indício deveria esclarecê-lo nas pesquisas que projetava fazer para localizar o palácio em que se encontrava o toucador de Paquita. Estudou do mesmo modo as voltas que seus carregadores fizeram na casa, e julgou-se capaz de as reter na memória. Viu-se, como na véspera sobre a otomana, diante de Paquita, que lhe retirava a venda; mas viu-a pálida e mudada. Havia chorado. Ajoelhada como um anjo em prece, mas um anjo triste, profundamente melancólico, a pobre moça não parecia mais a curiosa, a impaciente, a saltitante criatura que tomara De Marsay sobre suas asas para o transportar ao sétimo céu do amor. Havia algo de tão

verdadeiro naquele desespero velado pelo prazer, que o terrível De Marsay sentiu dentro de si admiração por aquela nova obra-prima da natureza e esqueceu momentaneamente o motivo principal da entrevista.

— Que tens, minha Paquita?

— Meu amigo — respondeu ela —, levar-me-ás esta noite mesmo? Larga-me em qualquer lugar onde não possam dizer ao ver-me: “Eis Paquita”; onde ninguém possa responder: “Há aqui uma moça de olhar dourado, de longos cabelos”. Dar-te-ei então todo o prazer que de mim queiras receber. Depois, quando não mais me quiseres, me deixarás; não me lamentarei, nada direi; e meu abandono não deverá causar-te nenhum remorso, pois um dia passado junto a ti, um só dia durante o qual te haja visto, terá valido toda uma vida. Mas, se ficar aqui, estarei perdida.

— Não posso deixar Paris, minha querida — respondeu Henrique. — Não me pertences; estou ligado por um juramento à sorte de muitas pessoas que me são devotadas como eu o sou a elas. Mas posso arranjar-te em Paris um asilo onde nenhum poder humano há de chegar.

— Não — disse ela —, esqueces o poder feminino.

Jamais frase pronunciada por uma voz humana exprimiu tão completamente o terror.

— Que poderia acontecer-te, se me interponho entre ti e o mundo?

— O veneno! — replicou ela. — Dona Concha já suspeita de ti. E — continuou, derramando lágrimas que brilharam ao longo de suas faces — é bem fácil ver que não sou mais a mesma. Pois bem, se me abandonas ao furor do monstro que me vai devorar, que tua santa vontade seja feita. Mas vem, faze com que haja todas as volúpias da vida em nosso amor. Ademais, suplicarei, chorarei, gritarei, defender-me-ei, talvez me salvarei.

— A quem implorarás? — perguntou ele.

— Silêncio! — retrucou Paquita. — Se for perdoada, isso se deverá, talvez, à minha discrição.

— Dá-me o meu roupão — disse insidiosamente Henrique.

— Não, não — respondeu ela vivamente —, fica o que és, um desses anjos que me haviam ensinado a odiar, e nos quais eu só via monstros, quando na realidade és o que há de mais belo sob o céu — murmurou ela acariciando os cabelos de Henrique. — Ignoras até que ponto sou ignorante; nada aprendi. Desde a idade de doze anos vivo encerrada sem ver ninguém. Não sei ler nem escrever e só falo o inglês e o espanhol.

— Como é então que recebes cartas de Londres?

— Minhas cartas! Olha, aqui estão! — disse ela indo buscar uns papéis num longo vaso do Japão.

Estendeu a De Marsay folhas em que o jovem viu com surpresa figuras bizarras semelhantes às dos enigmas pitorescos, traçadas a sangue, e que exprimiam frases cheias de paixão.

— Mas — exclamou ele, admirando aqueles hieróglifos criados por hábil ciúme — estás sob o poder de um gênio infernal?

— Infernal — repetiu ela.

— Como pudeste, então, sair...

— Ah! — respondeu ela —, daí vem minha perda. Coloquei Dona Concha entre o medo de uma morte imediata e uma cólera por vir. Eu tinha uma curiosidade de demônio, queria romper o círculo de ferro que haviam interposto entre a criação e mim, queria ver o que eram os moços, pois não conhecia outros homens senão o marquês e Cristêmio. Nosso cocheiro e o ajudante que nos acompanham são velhos...

— Mas não estavas sempre encerrada? Tua saúde exigiria...

— Ah — volveu ela —, nós passeávamos, mas durante a noite e no campo, pelas margens do Sena, longe de todos.

— Não sentes orgulho de seres assim amada?

— Agora não — disse ela —, ainda que bem cheia, esta vida escondida não é mais que treva, comparada à luz.

— E a que chamas luz?

— Tu, meu belo Adolfo! tu, por quem eu daria a vida. Todas as coisas de

paixão que me contaram e que eu inspirava, eu as sinto por ti! Durante muito tempo nada compreendia da existência, mas agora sei como amamos; até o presente eu só era amada, não amava. Deixarei tudo por ti, leva-me. Se quiseres, toma-me como um brinquedo, mas deixa-me ficar perto de ti até que me quebres.

— Não te arrependerás?

— Nunca! — disse ela, falando também com os olhos, cujo tom de ouro permaneceu puro e claro.

“Sou o preferido?”, perguntou a si mesmo Henrique, que, embora entreviesse a verdade, se encontrava disposto a perdoar a ofensa por amor tão ingênuo. “Veremos depois”, pensou.

Se Paquita não lhe devia conta alguma do passado, a menor recordação tornava-se a seus olhos um crime. Teve assim a triste força de ter um pensamento próprio de julgar a amante, de estudá-la abandonando-se aos prazeres mais arrebatadores que jamais criatura descida dos céus tenha achado para o seu bem-amado. Paquita parecia ter sido criada para o amor, com cuidados especiais da natureza. De uma noite para a outra seu gênio de mulher fizera os mais rápidos progressos. Quaisquer que fossem a fortaleza do rapaz e sua displicência em matéria de gozos, não obstante a sua saciedade da véspera, encontrou na *menina dos olhos de ouro* aquele harém que a mulher amante sabe criar e ao qual um homem nunca renuncia. Paquita correspondia a essa paixão que sentem todos os homens verdadeiramente grandes pelo infinito, paixão misteriosa tão dramaticamente retratada no *Fausto*, tão poeticamente traduzida no *Manfredo*, e que impelia dom Juan a esquadrihar o coração das mulheres, esperando encontrar nele esse pensamento sem limites à procura do qual andam tantos caçadores de espectros, que os sábios julgam entrever na ciência e que os místicos só encontram em Deus.

A esperança de possuir enfim o Ser ideal com quem pudesse lutar constantemente sem cansar-se empolgou De Marsay, que, pela primeira

vez, depois de anos, abriu o coração. Seus nervos distenderam-se, sua frieza fundiu-se na atmosfera daquela alma abrasadora, suas teorias decisivas esvaneceram-se e a felicidade coloriu sua existência, tal como aquele toucador, de branco e rosa. Ao sentir o agulhão de um prazer superior, foi arrebatado para além dos limites em que até então circunscrevera a paixão. Não quis deixar-se sobrepujar por aquela criatura que um amor de certo modo artificial conformara antecipando-se às necessidades de sua alma, e então achou, na vaidade que leva o homem a ser em tudo o vencedor, forças para dobrar a jovem. Mas, lançado também para além da linha em que a alma é senhora de si, perdeu-se nos limbos deliciosos que vulgar e tolamente são chamados de *espaços imaginários*. Foi terno, bom e comunicativo. Tornou Paquita quase louca.

— Por que não iremos a Sorrento, a Nice, a Chiavari, passar toda a nossa vida assim? Queres? — dizia ele a Paquita com voz cativante.

— Tens acaso necessidade de me dizer: *Queres?* — exclamou ela. — Será que sou dona de uma vontade? Não sou uma coisa fora de ti senão para te dar prazer. Se queres escolher um retiro digno de nós, a Ásia é a única região em que o amor pode abrir suas asas...

— Tens razão — retrucou Henrique. — Vamos às Índias, lá onde a primavera é eterna, onde a terra tem sempre flores, onde o homem pode ostentar o aparato dos soberanos sem que se comente isso como nos países tolos em que se quer realizar a reles quimera da igualdade. Vamos para a região onde se vive em meio a multidões de escravos, onde o sol ilumina palácios sempre brancos, onde se espalham perfumes no ar, onde os pássaros cantam o amor e onde se morre quando não se pode mais amar...

— E onde os que se amam morrem juntos! — disse Paquita. — Mas não partamos amanhã, partamos agora mesmo, levando Cristêmio.

— Sim! O prazer é o mais belo desfecho da vida. Partamos para a Ásia, mas para partir, criança, é preciso ouro, e para ter ouro é indispensável

deixar em ordem os negócios.

Ela nada entendia disso.

— Ouro, existe aqui alto assim — disse levantando a mão.

— Mas não é meu.

— E que tem isso? — retrucou ela. — Se temos necessidade, lancemos mão dele.

— Ele não te pertence.

— Pertencer? — repetiu ela. — Não te apossaste de mim? Quando nos apossarmos dele, ele nos pertencerá.

Ele pôs-se a rir.

— Pobre inocente! Nada sabes das coisas deste mundo.

— Não, mas isto eu sei — exclamou ela atraindo Henrique.

No justo momento em que De Marsay tudo esquecia, concebendo o desejo de se apropriar para sempre daquela criatura, recebeu em plena alegria uma punhalada que lhe atravessou de lado a lado o coração mortificado pela primeira vez. Paquita, que o elevara vigorosamente no ar como que para o contemplar, exclamara:

— Oh! Mariquita!

— Mariquita! — exclamou, corando, o rapaz —; sei agora aquilo de que eu ainda queria duvidar.

Saltou sobre o móvel em que estava guardado o longo punhal. Felizmente para ele e para ela, o armário estava fechado. Sua raiva aumentou com esse obstáculo; mas ele recobrou a tranquilidade, foi buscar sua gravata e avançou para Paquita com ar tão ferozmente significativo, que, sem saber de que crime era culpada, compreendeu ela, não obstante, que fora condenada a morrer. Então, de um só salto, lançou-se para a extremidade do toucador a fim de evitar o nó fatal que De Marsay queria passar-lhe em torno do pescoço. Iniciou-se um combate. A agilidade, a flexibilidade e o vigor foram iguais de parte a parte. Para acabar a luta, Paquita atirou uma almofada às pernas do amante, fazendo-

o cair, e aproveitou a trégua que lhe deu essa vantagem para apertar o botão de chamada. O mulato entrou bruscamente. Num abrir e fechar de olhos Cristêmio atirou-se a De Marsay, derribou-o e pôs-lhe o pé sobre o peito com o calcanhar voltado para a garganta. De Marsay compreendeu que se ele se debatesse seria, num momento, esmagado a um sinal de Paquita.

— Por que quiseste matar-me, meu amor? — perguntou ela.

De Marsay não respondeu.

— Em que te desagradei? — continuou ela. — Fala, expliquemo-nos.

Henrique conservou a atitude fleumática do homem forte que se sente vencido; atitude fria, silenciosa, toda inglesa, que manifestava a consciência de sua dignidade por uma resignação momentânea. Ademais já pensara, não obstante o arroubo de sua cólera, que seria pouco prudente comprometer-se com a Justiça matando uma moça de improviso, sem haver preparado o assassínio de modo a assegurar-se impunidade.

— Meu bem-amado — suplicou Paquita —, fala-me: não me deixes sem um adeus de amor! Não quero conservar em meu coração o assombro que acabas de pôr nele. Não falarás? — acrescentou batendo o pé com cólera.

De Marsay lançou-lhe por resposta um olhar que significava tão claramente: “*morrerás!*” que Paquita se precipitou sobre ele.

— Pois bem! queres matar-me? Se minha morte pode dar-te prazer, mata-me!

Fez um sinal a Cristêmio, que tirou o pé de cima do rapaz e saiu sem deixar ver na fisionomia se levava um julgamento bom ou mau a respeito de Paquita.

— Esse é um homem! — murmurou De Marsay apontando para o mulato com gesto sombrio. — Não há devotamento senão aquele que obedece à amizade sem a julgar. Tens nesse homem um verdadeiro amigo.

— Se quiseres eu to darei — respondeu ela —, ele te servirá com o

mesmo devotamento que tem por mim, desde que lhe recomende.

Esperou uma palavra de resposta e continuou com acento cheio de ternura:

— Adolfo, dize-me afinal uma palavra de esperança. Não tarda o dia.

Henrique não respondeu. Tinha uma triste qualidade, pois se olha como grande coisa tudo o que se parece à força e muitas vezes os homens divinizam extravagâncias. Henrique não sabia perdoar. Dominar-se, que, indubitavelmente, é uma das graças da alma, era coisa sem sentido para ele. A ferocidade dos homens do norte, de que o sangue inglês tem fortíssimas tintas, fora-lhe transmitida pelo pai. Era inflexível tanto nos bons como nos maus sentimentos. A exclamação de Paquita foi tanto mais horrível para ele quanto é certo que se vira destronado do mais doce triunfo que jamais lisonjeara sua vaidade de homem. A esperança, o amor, os sentimentos todos achavam-se nele exaltados; no seu coração e na sua inteligência tudo se inflamara; depois, essas chamas acesas para iluminar-lhe a vida receberam o sopro de um vento frio. Paquita, estupefata, só teve em sua dor a força necessária para dar o sinal de partida.

— Isto é inútil — disse ela largando a venda. — Se ele não me ama mais, se me odeia, tudo está acabado.

Esperou um olhar e não o obteve. Caiu semimorta. O mulato fitou Henrique de modo tão espantosamente significativo, que fez estremecer pela primeira vez na vida aquele jovem, a quem pessoa alguma negava o dom de uma rara intrepidez. “Se não a amares, se lhe deres o menor pesar, eu te matarei.”

Tal era o sentido daquele rápido olhar. De Marsay foi conduzido com precauções quase servis ao longo de um corredor iluminado por respiradouros e no fim do qual saiu por uma porta secreta de uma escada oculta que levava ao jardim do Palais San-Real. O mulato fê-lo andar com cautela ao longo da aleia de tílias que conduzia a um portãozinho que dava para uma rua naquela época deserta.

De Marsay notou bem tudo. A carruagem esperava-o; desta vez o mulato não o acompanhou, e, no momento em que Henrique pôs a cabeça à portinhola para examinar o jardim e o palácio, encontrou os olhos brancos de Cristêmio, com o qual trocou um olhar. De um e de outro lado foi uma provocação, um desafio, o sinal duma guerra de selvagens, dum duelo em que não seriam observadas as leis ordinárias, em que a traição e a perfídia seriam recursos admitidos. Cristêmio sabia que Henrique jurara matar Paquita. Henrique sabia que Cristêmio queria matá-lo antes que ele matasse Paquita. Ambos entenderam-se às maravilhas.

“A aventura complica-se de modo assaz interessante”, pensou Henrique.
— Para onde vai, cavalheiro? — perguntou o cocheiro.

De Marsay fê-lo seguir para a casa de Paulo de Manerville.

Durante mais de uma semana Henrique conservou-se ausente de casa, sem que ninguém pudesse saber o que fez no decurso desse tempo, nem em que local permaneceu. Esse retiro salvou-o do furor do mulato e causou a perda da pobre criatura que pusera toda a sua esperança naquele a quem amava como jamais criatura alguma amou na terra.

No último dia dessa semana, pelas onze horas da noite, Henrique dirigiu-se de carro ao pequeno portão do Palais San-Real. Três homens acompanhavam-no. O cocheiro era evidentemente um dos seus amigos, porquanto pôs-se de pé na boleia, como se quisesse, qual uma sentinela atenta, escutar o menor ruído. Um dos três outros postou-se fora da porta, na rua; o segundo colocou-se no jardim, de pé, apoiado no muro; o último, que levava um molho de chaves, acompanhou De Marsay.

— Henrique — disse-lhe o companheiro —, fomos traídos.

— Por quem, meu bom Ferragus?

— Não estão todos dormindo — respondeu o chefe dos Devoradores. — Houve decerto alguém na casa que não bebeu nem comeu. Olha, repara aquela luz.

— De onde virá ela? Temos a planta do edifício.

— Não tenho necessidade da planta para sabê-lo — respondeu Ferragus —; vem do quarto da marquesa.

— Ah! — exclamou De Marsay. — Certamente chegou hoje de Londres. Será que essa mulher me roubou até a minha vingança?! Mas, se ela me antecedeu, meu bom Graciano, entregá-la-emos à justiça.

— Ouve! A coisa está feita — disse Ferragus a Henrique.

Os dois amigos ficaram atentos e ouviram gritos abafados que teriam enternecido um tigre.

— Tua marquesa não pensou que os sons poderiam sair pela chaminé da lareira — observou o chefe dos Devoradores com o riso de um crítico encantado por descobrir uma falha numa bela obra.

— Somente nós sabemos prever tudo — disse Henrique. — Espera-me, quero ir ver o que se passa lá em cima, a fim de saber como tratam dos seus negócios íntimos. Por Deus, creio que ela a faz assar em fogo lento.

De Marsay subiu levemente a escada que conhecia e achou o caminho para o toucador. Ao abrir a porta sofreu o estremecimento involuntário que causa no homem mais decidido a vista do sangue espalhado. O espetáculo que se lhe ofereceu aos olhos constituía para ele, aliás, mais de um motivo de espanto. A marquesa era mulher: havia calculado sua vingança com essa perfeição de perfídia que caracteriza os animais fracos. Dissimulara sua cólera para certificar-se do crime antes de o punir.

— Tarde demais, meu bem-amado! — disse Paquita agonizante, cujos olhos embaciados se voltaram para De Marsay.

A *menina dos olhos de ouro* expirava banhada em sangue. Todos os candelabros iluminados, um perfume delicado que se fazia sentir, certa desordem na qual o olhar de um homem com experiência amorosa reconheceria loucuras comuns a todas as paixões, denunciavam que a marquesa soubera sabiamente interrogar a culpada. Aquela alcova branca, em que o sangue ficava tão bem, traía um longo combate. As mãos de Paquita estavam enterradas nas almofadas. Por toda parte ela se

agarrara à vida, por toda parte se defendera, e em toda parte fora alcançada. Panejamentos inteiros da tapeçaria pregueada haviam sido arrancados por suas mãos ensanguentadas, que, sem dúvida, tinham lutado por muito tempo. Paquita devera ter tentado escalar as paredes. Seus pés nus estavam marcados ao longo do encosto do divã, sobre o qual evidentemente corraera. Seu corpo, dilacerado a punhaladas por seu carrasco, mostrava com que encarniçamento ela disputara a vida que Henrique lhe havia tornado tão cara. Ela jazia no chão e tinha, ao morrer, mordido os músculos do peito do pé da sra. de San-Real, que conservava na mão seu punhal sangrento.

A marquesa tinha cabelos arrancados, estava coberta de mordidas, das quais muitas sangravam, e seu vestido rasgado deixava-a seminua, com os seios arranhados à mostra. Estava sublime assim. Sua cabeça ávida e furiosa aspirava o cheiro do sangue. Sua boca palpitante estava entreaberta, e suas narinas não bastavam à aspiração do ar. Certos animais, quando enfurecidos, atiram-se ao inimigo, causam-lhe a morte, e, tranquilos na sua vitória, parecem tudo haver esquecido. Outros há que rondam em torno da vítima, que a conservam no temor de que lha venham arrebatá-la, e que, como o Aquiles de Homero, dão nove voltas ao redor de Troia, arrastando o inimigo pelos pés. Assim era a marquesa. Nem viu Henrique. Antes de tudo, sabia que estava completamente só para temer testemunhas; depois, estava tão embriagada pelo sangue quente, tão animada pela luta, tão exaltada, que não perceberia Paris inteira, se Paris tivesse formado um círculo em derredor dela. Ela não notaria um raio. Ela nem sequer ouvira o último suspiro de Paquita e acreditava poder ser ainda ouvida pela morta.

— Morre sem confissão! — dizia-lhe —, vai para o inferno, monstro de ingratitude; sê do demônio e de mais ninguém. Pelo sangue que lhe deste, deves-me o teu! Morre, morre, sofre mil mortes; fui boa demais, levei só um momento a matar-te, quando desejaria fazer-te experimentar todas as

dores que me legas. Eu, eu viverei! viverei infeliz, reduzida a só amar a Deus!

Contemplou-a.

— Ela está morta! — disse depois de uma pausa, dando violenta volta sobre si mesma. — Morta, ah! eu morro de dor!

A marquesa quis atirar-se sobre o divã, invadida por um desespero que lhe tirava a voz, e esse movimento permitiu-lhe então avistar Henrique de Marsay.

— Quem és tu? — perguntou, correndo para ele de punhal erguido.

Henrique segurou-lhe o braço e os dois puderam assim contemplar-se face a face. Uma horrível surpresa fez-lhes a ambos correr um sangue glacial nas veias, e tremeram-lhes as pernas como tremem as dos cavalos assustados. Com efeito, dois sócias não seriam mais parecidos. Pronunciaram em unísono a mesma frase:

— Lorde Dudley deve ser seu pai!

Cada qual baixou a cabeça afirmativamente.

— Ela era fiel ao sangue — disse Henrique mostrando Paquita.

— Era o menos culpada possível — retrucou Margarita-Eufêmia Porraberil, que se atirou sobre o corpo de Paquita soltando um grito de desespero. — Pobre criatura! Ah! como eu quisera reanimar-te! Procedi mal, perdoa-me, Paquita! Estás morta, e eu vivo! Sou a mais infeliz!

Nesse instante apareceu a horrível figura da mãe de Paquita.

— Vens dizer-me que não ma vendeste para que eu a matasse — exclamou a marquesa. — Sei por que saís do teu covil. Pagar-te-ei duas vezes. Cala-te.

Foi buscar uma bolsa com ouro no móvel de ébano e a atirou desdenhosamente aos pés da velha. O som do ouro teve o poder de esboçar um sorriso na impassível fisionomia da georgiana.

— Cheguei bem a tempo para ti, minha irmã — disse Henrique. — A justiça vai te pedir...

— Nada — respondeu a marquesa. — Uma única pessoa podia pedir contas desta criatura: Cristêmio, e está morto.

— E esta mãe — indagou Henrique apontando para a velha — não te explorará depois?

— Ela é de um país em que as mulheres não são seres, mas coisas das quais se faz o que se quer, que se vendem, que se compram, que se matam, enfim, das quais a gente se serve para seus caprichos, como vocês se serviram aqui dos móveis. De resto, ela tem uma paixão que faz todas as outras capitularem e que teria aniquilado o seu amor materno, se houvesse amado a filha; uma paixão...

— Qual? — fez vivamente Henrique interrompendo a irmã.

— A do jogo, de que Deus te livre! — respondeu a marquesa.

— Mas em quem vais tu buscar ajuda — disse Henrique mostrando a *menina dos olhos de ouro* — para apagar os traços desse desvario, a que a Justiça talvez não feche os olhos?

— Tenho a sua mãe — respondeu a marquesa, indicando a velha georgiana, a quem fez sinal para ficar.

— Tornaremos a ver-nos — disse Henrique, que pensava na inquietude dos amigos e sentia necessidade de partir.

— Não, meu irmão — respondeu ela —, não nos tornaremos nunca mais a ver. Volto à Espanha para entrar no convento de Los Dolores.

— És ainda muito moça, muito bela — disse-lhe Henrique tomando-a nos braços e dando-lhe um beijo.

— Adeus — disse ela —, nada nos consola de haver perdido aquilo que nos parecia o infinito.

Oito dias depois, Paulo de Manerville encontrou De Marsay nas Tuileries, no Terrasse des Feuillants.

— E então, que é feito da nossa linda *menina dos olhos de ouro*, grande celerado?

— Morreu.

- De quê?
- Do peito.

Paris, março 1834 — abril 1835